



Raquel Maria Rigotto
Professora

A fala mansa e o sorriso no rosto disfarçam, sutis, a desobediência suave de uma alma transgressora

Suave... Suave coisa nenhuma! Raquel Maria Rigotto é uma figura que encanta, estimula. Fala manso, com um sotaque mineiro mais carregado vez ou outra. Assim, suave – coisa nenhuma! –, nem parece ser capaz de gritar. Mas grita quando preciso. Raquel é um mistério que se permite ser desvendado aos poucos. De início, esconde-se por debaixo da voz que insiste em sair num tom abaixo do esperado, do necessário. À medida que se permite se desvendar, vai ajustando o empostamento – não, sem antes, como sereia, encantar quem a cerca e puxá-lo para a própria frequência. Estávamos entrevistadores, não podíamos nos deixar levar. Deixamos. Mistério que encanta, convence, leva.

Raquel é nome bíblico. Quer dizer “ovelha”, e, pela convenção da extensão de significados atrelados à figura do animal, “pacífica”, “mansa”. Raquel Rigotto não é ovelha. Nem cordeiro, nem lobo, nem lobo em pele de cordeiro. Existe um clichê nas dramaturgias por aí, da pessoa que tem casca dura e revela ter coração mole, ou daquelas aparentemente moles que são fortes como só os heróis. Raquel supera o clichê. Não é uma coisa nem outra, é os dois e nenhum deles. É muito própria, humana. Monta guarda e se desarma de acordo com os ventos que sopram. Por coincidência, destino ou vocação, encontrou na vida muita aspereza, que demandava luta, que desaguava em dureza. Mas sabia derreter, e derretia.

Pegamos emprestado aquele famoso dito que nos fornece a *ideia ideal* de enduermos *pero sin jamás perder la ternura*. Raquel, ao que parece, se encontra próxima desse ideal. Ouvindo a trajetória, de menina-adulta em Belo Horizonte à finalmente-professora em Fortaleza, temos também a oportunidade de ter aulas de vivência e exis-

tência. A trajetória de Raquel, talvez errante, é, para usar mais um ditado, escrita certa por linhas tortas. Quem a escreve não é necessariamente um Deus como o que costumamos conhecer. É uma trajetória que leva autógrafa da própria dona.

Sobre a experiência de abrir mão de um sonho, na juventude sonhadora, Raquel responde sobre a beleza da vida. Temos planos, propostas para nós mesmos, quando jovens, mas vamos aprendendo, na prática mesmo (e apreendendo só com o tempo), que a vida também nos propõe, sinaliza. Cabe a sensibilidade de ler e decodificar tais sinais. A vida a propôs um caminho diferente, que ela aceitou, se apoderou e fez virar dela. À custa de muita luta, pagando preços altos. Diz o clichê – mais um – que mais vale a viagem do que a chegada ao destino. Esse clichê, sim, cabe em Raquel. Mas ainda um tanto subvertido: em constante ebulição interna, ela não pretende, nunca, chegar. Não almeja nada de sólido, porque, no sólido, perdem-se as várias miradas possíveis. Vai viajando, com/sem rumo, e invariavelmente vai chegar. Não importa aonde, veja bem. Veja bem também, isso não denota desinteresse da parte dela. Denota resiliência, fé, certeza na incerteza.

Volto à ideia da ovelha, e volto junto a mais uma referência musical – essa, no caso, vem emprestada da própria Raquel, cantada durante a entrevista. Errei, peço desculpas e me corrijo: Raquel é, sim, ovelha. Especificamente uma: ovelha negra. Desgarrada do rebanho, sem seguir pastor algum, desvia, dona dos próprios caminhos e levando junto de si, como arma e escudo, a própria desobediência. Nas páginas que se seguem, há muito de Raquel e, ainda assim, falta muito de Raquel. Desvendemos, então, o tanto possível desse mistério.

Equipe de Produção:

João Gabriel
Taís Barros

Entrevistadores:

Átala Souza
Daniel de Rezende
Erick Bruno
João Gabriel
Lauriberto Pompeu
Mylena Gadelha
Rosiane de Melo
Taís Barros

Texto de abertura:

João Gabriel

Fotografia:

Filipe Pereira



Entrevista com Raquel Rigotto, dia 26 de janeiro de 2016.

Tais – Raquel, a gente quer começar falando que a gente dividiu a entrevista em três blocos. O primeiro bloco sobre sua vida em Belo Horizonte, a infância, as relações familiares, o início da carreira em medicina... O segundo bloco será mais breve, sobre a sua vinda para Fortaleza, o que a trouxe para cá e o período de adaptação. O terceiro bloco, sobre o olhar social da sua profissão, sobre o (núcleo) TRAMAS (*Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade*) e a profissão em si.

João – Começando: Raquel, você contou para a gente na pré-entrevista que é filha de descendentes europeus – o pai (*Eduardo Rigotto*) é filho de imigrantes italianos e a mãe (*Manoela Rigotto*) é neta de portugueses. Você falou que teve uma infância muito humilde. Isso teve um impacto na sua vida? Quais situações mais marcaram a sua infância e de que modo essas situações refletem no que você é hoje?

Raquel – (*silêncio de alguns segundos*) Bom, do ponto de vista da família, me marca muito o jeito do meu pai lidar com o trabalho e com os trabalhadores... Ele era trabalhador da construção civil, mas um tipo de trabalhador que talvez a geração de vocês não conheça mais, porque ele sabia fazer do alicerce da casa até o teto, passando pela fiação elétrica, parte hidráulica, pintura – era uma coisa muito completa, tem um pouco dos mestres de artes e ofícios, que havia na Europa. Ele tinha uma paixão muito grande pelo trabalho e uma dedicação muito grande, isso era muito central na vida dele. Eu acho que eu trouxe isso para a minha vida. Ele também tinha um respeito muito grande pelos trabalhadores. Ele levava os colegas de trabalho dele para almoçarem lá em casa e a gente saía da mesa para dar lugar aos trabalhadores, porque eles estavam cansados, trabalhando no sol, e a gente estava dentro de casa... Esse respeito pelo trabalho e pelos trabalhadores foi algo que ficou muito (*como ensinamento*) do meu pai. Da minha mãe, (*ficou*) essa coisa do cuidado. Ela tinha um cuidado tão grande com a nossa alimentação, apesar de ter poucos recursos. Ela buscava fazer uma alimentação saudável, gostosa. As plantas que eu cultivo hoje são uma herança dela. Nossa casa era cheia de plantas porque ela tinha essa história de camponesa e, na medida em que foi

morar numa cidade e não podia mais ter uma terra, um quintal para trabalhar, ela colocava jarro de planta em tudo quanto é cantinho da casa e trocava mudas com as pessoas, curti muito isso, sabia o nome de cada planta, a época de fazer a poda, a época de fazer o enxerto... Essa dimensão do cuidado, tanto com a alimentação quanto com a saúde, com a educação da gente, me ficou muito, muito da infância.

(*pausa*) Talvez outra coisa tenha sido o mar. Porque Belo Horizonte, que é onde eu morava, não tem mar, e, aos (*meus*) cinco anos de idade, papai construiu uma casinha pequenininha para a gente em Guarapari (*município no litoral do Espírito Santo*), que é a praia dos mineiros, e a gente ia para lá nas férias. Não tinha dinheiro para comprar um churrasquinho na praia. Fazia o armazém (*na cultura mineira, sinônimo de fazer compras, "fazer a feira"*) que a gente sempre fazia todo mês, colocava numa caminhonete que ele tinha, onde ele carregava os materiais de construção, e ali iam os filhos todos, os que já estavam namorando iam (*com*) os namorados, as compras... Eu lembro demais da primeira vez que eu vi o mar, como eu fiquei completamente surpresa com a enormidade daquilo, com o poder daquilo! Uma sensação de medo e ao mesmo tempo de atração e de alegria, porque tudo que eu conhecia era piscina, né? E alguns lagos pequenos, lagoas. Então, o mar foi algo que me marcou muito na infância. Era (*em*) todas as férias esse idílio com o mar.

Tais – Você até falou (*também*) na pré-entrevista que a sua família representa, de certa forma, a história da formação brasileira. A gente quer saber como é que essa cultura e os costumes estrangeiros a influenciaram, além da questão que você falou, que ficou (*em você*) a questão do trabalho e da gestão da casa.

Raquel – A gente tinha muito a presença da música em casa, essa coisa do italiano com música. Papai adorava, a gente escutava muito música clássica, música italiana... Tinha uma radiola na casa que era algo precioso para nós. Hoje eu tenho uma vitrola, aí (*aponta para uma cômoda à esquerda, na qual estava em destaque a vitrola mencionada, além de vários LPs*), que é um pouco a celebração disso, os vinis e tal. Ele tocava

A indicação do nome de Raquel Rigotto para a revista foi feita por Tais Barros, que acabou como membro da equipe de produção da entrevista, juntamente com João Gabriel.

De acordo com o planejamento inicial da disciplina, a última entrevista, que acabou sendo a com Raquel, deveria ocorrer no dia 21 de dezembro. Na prática, a data teve de ser alterada para 26 de janeiro porque Raquel estaria viajando no dia 21.

O costume de realizar as reuniões de pauta nas terças-feiras e a captação das entrevistas nas quintas, então, foi alterado. A pauta foi discutida na quinta-feira, 21, e a captação ocorreu na terça, 26.

Com a alteração nas datas, a distância entre os dias da reunião e da captação ficou maior – de dois dias, passou para cinco. A produção ficou receosa de que a distância entre os dias pudesse deixar a turma enferrujada. Ledo engano.



bandolim... Minha mãe trazia muito as lendas portuguesas, a culinária portuguesa. A gente tinha no Natal – e eu faço isso até hoje – a consoada, que era bacalhau com batata, frio, uma salada, brócolis, cebola, azeite, vinho, alho etc... As coisas que eles tinham lá, para cozinhar. E (*tinha*) o costume de levar isso para os vizinhos, trocar as coisas de Natal com os vizinhos, (*tinha*) também as rabanadas, que eram feitas de vinho. Até agora, esse ano (2015), eu fiz de novo (*a consoada*), no Réveillon, e fiquei supertriste porque vários amigos cearenses (*estavam*) interessados em comer as rabanadas, mas morreram de decepção, porque conhecem rabanada com leite, e eu tinha feito com vinho. Eles acharam superestranho, porque ela fica da cor do vinho e tem outro sabor, aí ninguém gostou das minhas rabanadas esse ano. (*risos*) Acho que ficou também muito uma cultura de classe, sabe? Que mistura essa coisa da cultura camponesa com a cultura “operário-urbana”, e até hoje eu tenho uma identidade de classe muito forte. Posso ter virado médica, professora universitária, ter um nível de renda que não corresponde ao (*nível*) das trabalhadoras e dos trabalhadores do nosso país, mas eu me sinto como parte dessa classe e quero continuar sendo assim.

Rosiane – Raquel, você é a caçula da família (*eram sete filhos na família, contando com a própria Raquel*), dez anos mais nova que a sua irmã mais nova, que é a Marina.

Raquel – Isso.

Rosiane – Como foi crescer no meio de adultos?

Raquel – Rosiane... Não foi simples. Não foi simples. Porque, além da maioria (*dos irmãos*) já ser adulta, era muita luta – meu irmão mais velho (*Gilberto Rigotto, já falecido*) começou a trabalhar com 11 anos de idade e os demais também, muito precocemente, começaram a trabalhar –, então era uma casa de gente grande e de gente que estava lutando para viver. Não tinha muito um clima de criança, na casa, não tinha. Eu tinha poucas amigas, também, na vizinhança, sabe? Não sei por quê. Mas também a gente se mudava muito de casa. Então, custava para fazer amigos e já estava mudando de novo. Foi uma coisa desafiante. Talvez eu tenha tido pouco essa dimensão mais lúdica da infância.

Rosiane – Você acredita que amadureceu mais cedo?

Raquel – É... Brinquei pouco. (*risos*)

Átala – Você acha que isso a prejudicou de alguma forma?

Raquel – Átala... Não sei. Acho que, à medida que a gente vai ganhando cabelos brancos – e eu já estou para fazer 60 anos –, a gente vai entendendo que cada coisa

que acontece na vida vai sendo incorporada e vai ganhando um sentido próprio e contribui para a gente ser aquilo que é. Então, é claro que os manuais prescrevem que crianças sejam crianças, que elas brinquem, elas desenvolvam a imaginação, a fantasia. Talvez eu tenha isso em menor escala. Eu sou muito focada em trabalhar... Eu tenho outras formas de lazer e de leveza na vida, mas, se ficou alguma marca (*em relação à infância*) de alguma forma, isso fortaleceu outras dimensões que também fazem parte de mim.

Lauriberto – A senhora teve uma infância humilde. A senhora acha que isso influenciou mais de modo negativo ou de modo positivo na sua vida?

Raquel – Positivo, positivo. Porque... Seu nome é mais difícil. Lau...

Lauriberto – Lauriberto.

Raquel – Lau-ri-ber-to. Agora eu acho que já vou saber, já falei uma vez. Lauriberto, eu acho muito positivo, porque eu me senti realmente preparada para a vida. Aos 18 anos, eu tive o meu primeiro casamento e eu era completamente preparada para gerir uma casa, para fazer compras, cozinhar, lavar roupa, fazer faxina, cuidar de planta... Saber como lidar com a vida, como administrar o pouquinho dinheiro que eu tinha. Eu acho que isso foi muito bom, sabe? Às vezes, eu vejo pessoas que tiveram uma infância abastada e, de repente, se sentem no vácuo quando não têm todos os recursos e a infraestrutura que sempre tiveram para mantê-las, sabe? Acho que foi legal, isso, eu sou grata à vida por isso.

João – Como a gente já falou aqui, a diferença de idade da irmã mais nova para você são dez anos. Essa diferença de idade, inclusive do mais velho para você, provocava algo negativo, era difícil lidar com essa diferença de idade, ou era majoritariamente bom?

Raquel – (*pausa*) Olha... A família vivia um contexto muito conturbado. Sete filhos. Muita dificuldade financeira. Todo mundo trabalhando muito. Meu pai nessa época tinha... Questões, lá, da vida afetiva dele, que atingiam muito a minha mãe, atingiam muito a família como um todo. Minha mãe teve muita (*ênfase*) vergonha quando engravidou de mim, porque ela já tinha 43 anos. Naquela época, era vergonhoso tornar público através de uma barriga que uma mulher de 43 anos ainda tivesse atividade sexual. Ela tinha

vergonha disso. A minha irmã mais velha que me contou isso, muitos anos depois, – quando eu estava fazendo terapia – que minha mãe chegava à cerca, conversava com a vizinha (*e*) chorava de vergonha de estar grávida. Para os meus irmãos, uma família que já estava se considerando encerrada – “vamos ajeitar os seis aqui” –, chegar mais uma pessoa certamente foi uma sobrecarga. Eu tive de ser um bebê bastante bonitinho, fofinho, esperto, para conquistar o amor deles. Eu sinto que também tem marcas disso na minha trajetória, mesmo que inconscientemente eu acho que desenvolvi uma série de... De coisas na relação com eles, no sentido de criar um espaço para eu sobreviver ali naquele meio que não tinha planejado a minha chegada, nem era o melhor momento (*para chegar*). Hoje eu entendo isso com muita tranquilidade. Já chorei muitas lágrimas em cima disso, mas hoje é muito óbvio para mim o que estava acontecendo. Por exemplo, o Toninho (*Antônio Rigotto, o quinto filho da família*), meu irmão... O terceiro, contando comigo e subindo na idade. Ele tinha o hábito de comprar beijinhos meus. Ele tinha umas notas de dez cruzeiros – acho que (*a moeda*) era cruzeiro, mesmo – que era tipo um centavo hoje. Ele juntava um monte dessas notas, de troco do ônibus, para comprar beijinhos meus. Ou eu ia para escola, ia para o pré-primário, como chamava, (*e*) a família toda aparecia na janela da sala de aula, que dava para a rua, para olhar a Raquelzinha na sala de aula, achar aquela coisa mais bonita. Meu irmão mais velho (*Gilberto Rigotto*), que é meu padrinho também, já se foi, a gente gostava muito dele, ele cuidava muito de mim. A Lúcia (*quarta filha da família*), outra irmã que também já partiu... Eu era encantada com ela, eu a achava linda, ela tinha uma voz linda, cantava muito. Nós todos cantávamos. Daqui a pouquinho eu canto, também, se vocês me derem tempo. (*risos*) Era tudo isso junto. Era essa dificuldade, esse desafio da família, mas ao mesmo tempo o afeto do italiano, que beija, abraça, briga, canta, chora, come, faz festa. Era tudo isso.

Mylena – Raquel, quando da produção desta entrevista, você falou do momento que foi entrar num grupo de jovens da paróquia e quanto isso foi fundamental na sua vida. Quero entender um pouquinho por que foi

A dupla de produção já conhecia o trabalho da professora Raquel porque o Núcleo Tramas, do qual ela é membro-fundadora, e a Liga Experimental de Comunicação, projeto de extensão de que Tais e João Gabriel eram membros, esboçaram uma parceria em 2014.

“Acho que ficou (*mercado da infância*) também muito uma cultura de classe, e até hoje eu tenho uma identidade de classe muito forte.”

Além disso, Tais tem relação mais específica ainda com o Tramas. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dela tem relação com o projeto de mineração que ocorre em Santa Quitéria, no interior do Ceará. Um dos atuais trabalhos do Tramas tem como alvo esse projeto.

Taís, por modéstia e timidez, não chegou a revelar para Raquel em momento algum o tema do TCC. Após a captação da entrevista, João Gabriel “dedurou” a amiga, estimulando, assim, uma conversa sobre a questão entre entrevistadora e entrevistada.

tão importante e por que foi um momento tão decisivo para você.

Raquel – Pois é, eu também não sei. É uma coisa... Eu acho esse fato tão curioso quando eu olho na minha história, sabe? Porque a situação concreta foi a seguinte: eu fui me confessar – minha mãe me mandava ir confessar todo sábado, para poder comungar no domingo – (n)aqueles confessionários à moda antiga, igual ao que a gente vê hoje no museu, e chegou (a hora) lá na fila e eu pensei: “Meu Deus, que pecado eu vou falar com o padre? Eu não falei nome feio, eu não briguei com minha irmã... O que eu vou dizer?” Aí, me ocorreu dizer isso, que eu não estava fazendo pelos outros o que eu achava que poderia fazer. Eu não sei de onde saiu isso, sabe? Não era uma reflexão que eu viesse construindo, foi algo que aconteceu. O padre – nós estávamos em plena ditadura militar (*refere-se ao golpe civil-militar de 1964-1985*) – tinha um grupo de jovens na paróquia e no mesmo momento me capturou para participar disso. Eu comecei a ter a oportunidade de ter uma visão crítica do que estava acontecendo com a juventude, com o nosso país em termos da ditadura militar. A gente discutia essa questão do consumo, por exemplo, da massificação, a gente visitava comunidades da periferia para ver como viviam aquelas pessoas. Na escola, também (*tive essa oportunidade*). Nessa época eu estudava num colégio Marista (*colégios do Grupo Marista têm como proposta pedagógica seguir os preceitos de São Marcelino Champagnat, que pregava a educação e evangelização de crianças e jovens, no intuito de formar cristãos bons e cidadãos virtuosos*), lá em Belo Horizonte, no colégio Dom Silvério, e eles tinham uma proposta que era “curso de líderes cristãos”. A gente era convidada a passar um fim de semana fora, de quinta até domingo, num regime de imersão, um grupo de jovens, para discutir questões ligadas tanto à religião, mas também muito à realidade brasileira daquele momento. Eu comecei a gostar muito disso... No segundo encontro que eu fui, eles já me convidaram para fazer uma palestra sobre o sentido da vida. Imagina uma *pirralha*, de 14 anos, falando sobre o sentido da vida! Eu encarei isso, e fui. Nem sei o que eu falei naquela época, nem imagino. O fato é que eles continuaram me convidando e eu virei meio que “a” pessoa que fazia essa palestra em todos os cursos da escola. Isso me trouxe uma possibilidade de elaborar um pouco aquelas origens ancestrais minhas – como é que eu poderia estar costurando isso com o mundo em que eu estava inserida, com aquela conjuntura, a cidade, as pessoas, os problemas sociais

que estavam sendo vividos. Aí começou toda uma trajetória nesse sentido.

Taís – O forte catolicismo da família, na época, foi o que acabou influenciando mais, de alguma forma, para você entrar no grupo de jovens, ou foram esses outros incentivos que você falou que puxavam (para) essas discussões?

Raquel – Foram os outros, Laís. Laís ou Taís?

Taís – Taís! (*risos*)

Raquel – Taís! Desculpe. Foram os outros, porque a religião católica na qual eu fui formada na primeira infância era uma religião muito convencional, de temer a Deus. Eu lembro que a minha irmã mais velha – ela chama Rosa, mas a gente a chama de “Oquinha” – encapava os meus cadernos de escola todo começo de semestre, com *plásticozinho*, colava com *durex* e tal, e ela escrevia na primeira página: o nome da escola, o nome da professora e, embaixo, “Deus me vê”. Era um Deus muito... Fiscalizador da gente. Punidor, que devia ser temido, obedecido. Eu tinha muita (*ênfase*) antipatia disso, a palavra “obedecer” sempre me provocou gastura. Minha mãe dizia: (*faz tom de voz como se estivesse brigando*) “Você é muito desobediente! Você tem de obedecer!” Nossa! Essa palavra me batia, assim: “Aaah! (*solta um grito de gastura*) Não quero isso!” Depois,

A pré-entrevista com a professora Raquel Rigotto foi realizada na casa dela no dia 8 de janeiro de 2016. Na ocasião, a dupla de produção chegou ao apartamento dela junto a um caminhão de bombeiros.





Ao entrar no prédio, a produção viu que boa parte dos moradores estava na parte de baixo do edifício, enquanto os bombeiros agiam para apagar um incêndio que estava acontecendo em um dos apartamentos.

nas oportunidades que eu tive, no grupo de jovens, na escola, nas outras vivências que eu fui tendo, é que essas coisas de dimensão mais social foram aparecendo com mais força. Acho que eu tenho um lado, assim, uma *quedazinha* para a transgressão, sabe? Transgredir é algo que... Eu gosto de fazer, sabe? Eu gosto.

Daniel – Existiu algum conflito devido a essas diferentes formas de lidar com a religião – a da família, mais conservadora, e a que você descobriu no grupo de jovens?

Raquel – Olha, eu acho que sim, porque nesse grupo de jovens – que na verdade foi só uma porta que me abriu para outras experiências, outros contatos – eu fui caminhando muito para o lado da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base, tive contato com grupos marxistas, comecei a estudar o marxismo. (*Teologia da Libertação é um movimento surgido dentro da Igreja Católica entre 1950 e 1960, que defende uma teologia que influencie a política, interpretando os ensinamentos e o projeto de Jesus Cristo no sentido de uma libertação das opressões econômicas, políticas ou sociais. As Comunidades Eclesiais de Base são ligadas à Igreja Católica e se espalharam nas décadas de 1970 e 1980 pelo Brasil e pela América Latina; compostas por membros de classes populares, elas vinculam a leitura bíblica em articulação com a vida, com a realidade política e social em que vivem e com as misérias cotidianas com que deparam em suas vidas comunitárias. Marxismo é o conjunto de concepções baseado nas ideias do sociólogo alemão Karl Marx*). Tam-

bém a minha geração é uma geração muito marcada por Woodstock (*festival de música realizado na cidade de Bethel, em Nova Iorque, em 1969*), movimento hippie (*movimento encabeçado por jovens estadunidenses de classe média no ano de 1966 com o intuito de questionar os ideais pregados pela sociedade da época*), por uma série de questões que convocavam uma releitura do corpo, do fato de ser mulher, do afeto, da sexualidade, da moral, dos valores. Eu comecei a questionar muita coisa. As minhas irmãs e irmãos já estavam consolidados nesse outro mundo (*do catolicismo convencional*), e eu ficava meio que sozinha com bandeiras que meus pais estranhavam muito. Inclusive meu primeiro casamento, aos 18 anos, é um misto de amor, sim, pela pessoa, mas é um desejo de sair de um espaço familiar que já não estava me contendo, que já não estava me cabendo. Hoje, vocês podem fazer isso simplesmente

“Posso ter virado médica, professora universitária, (...) mas eu me sinto como parte dessa classe (trabalhadora) e quero continuar sendo assim.”

Tais e João Gabriel entraram em contato com Raquel, que estava esperando no próprio apartamento e não sabia da situação. Por questões de segurança, a dupla de produção não pôde subir nem Raquel descer até que a situação estivesse sob controle.

A pré-entrevista que estava marcada para começar às 17 horas, então, acabou atrasando e começou somente depois das 17h30min. O plano da produção era passar pouco mais de uma hora na casa de Raquel, mas o inesperado da vida acabou mudando tudo.

botando uma mochila nas costas, arrumando uma bolsa na faculdade, indo morar com uma amiga, com um amigo. Naquele tempo, isso não era tão comum – ou para mim não era tão possível –, então o casamento foi também essa porta para a liberdade e para começar a viver algumas experiências que não cabiam no seio da minha família. Mais tarde, eles puderam me entender e a gente pôde se reencontrar, mas naquele momento, foram uns dez, 15 anos de muita diferença, onde eu tive de realmente afirmar minhas escolhas e pagar o preço delas, em todos os sentidos.

João – Antes da sua graduação, você tinha esse sonho, essa vontade, esse desejo de estudar Pedagogia – você falou que lia *A Pedagogia do Oprimido*, do Paulo Freire (*educador e filósofo brasileiro, referência na área da Pedagogia*) – e você conseguiu passar em Pedagogia (*em primeiro lugar na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*), mas também passou em Medicina (*na Universidade Federal de Minas Gerais*) por conta de pressões da família, dos irmãos, que queriam muito uma médica na família. Como foi abrir mão desse sonho numa idade em que a gente está sonhador e aí de repente (*ver que*) não vai conseguir?

Raquel – Olha, não foi fácil, João! A minha vivência na faculdade de Medicina foi muito difícil para mim. Eu me lembro de uma coisa que até hoje me marca, inclusive como professora, porque chegou o segundo semestre do curso e a gente tinha uma disciplina, que chamava Bioquímica, e o professor falou assim: “Gente, pra próxima aula, vocês leiam nesse livro aqui o capítulo dois, que se intitula ‘A Vida’.” Nossa, eu fiquei contente demais, eu falei: “Finalmente eu vou entender o que é a vida! Eu vou aprender isso na Universidade!” Porque eu tinha muitas questões interiores, muitas indagações, essa coisa do sentido da vida. Eu fui correndo para a biblioteca – inda vejo o livro na minha frente, ele tinha a capinha dura, verde, era pequenininho, com a letrinha pequena, aquela página que parece página de missal (*livro usado nas missas de rito romano que contém vários tipos de orações eucarísticas*), aquele papel bem fininho – e o capítulo começava assim: “Vida é o processo de respiração celular” (*longa pausa*) Gente, essa frase me doeu tão (*ênfase*)

fundo, mas tão (*ênfase repetida*) fundo, que eu fiquei não sei quantos semestres perdida na faculdade. Eu cumpria minimamente as obrigações, mas eu não sentia vínculo com aquilo, aí tinha de estudar farmacologia (*em termos básicos, ciência que estuda de que modos as substâncias químicas interagem com os sistemas biológicos*), aquele monte de nome de substância química, e eu não... Não conseguia me achar naquele espaço. (*Foi*) quando eu encontrei as disciplinas da área de saúde coletiva, que é onde hoje eu me insiro – naquela época chamava medicina preventiva e social. O departamento ficava no décimo andar da faculdade e os colegas todos se referiam ao *péssimo* andar, porque ninguém gostava desse tipo de matéria, que tinha um conteúdo mais social, mais coletivo e tal, e eu adorava. Eu comecei a gostar disso. Comecei a me achar um pouco na faculdade a partir disso, e também na figura de um ou outro professor que eu via que não enxergava as pessoas como o sistema reprodutor, ou um fígado, ou um olho, mas enxergavam a pessoa como um todo, ouvia um pouco o contexto.

Lauriberto – Raquel, entre esse momento do capítulo (*sobre a “vida” no livro de bioquímica*) e até você se encontrar (*no curso*), a senhora pensou em desistir da carreira, de alguma forma?

Raquel – Lauriberto, no contexto em que eu estava, isso não era possível de cogitar. A pressão da família... E o próprio reconhecimento da oportunidade de estar estudando Medicina. Ao mesmo tempo, nas comunidades onde eu estava atuando paralelo à faculdade, eu já sentia como esse conhecimento era útil para eles, interessava (*a eles*), eles queriam saber coisas que eu já estava aprendendo. Comecei a prestar mais atenção nessa dimensão da saúde para eles. Eu não me lembro de ter pensado em desistir, não.

Taís – Você começou a cursar medicina, mas o seu pai... Aliás, você estava cursando o científico e o seu pai achava que você estava cursando o (*curso*) normal, para ser professora. Você começou a cursar Medicina causou algum tipo de tensão entre você e ele? Porque o resto da família queria a medicina, né?

Raquel – Era. Não, foi um pouco a coisa

“(...) a gente vai entendendo que cada coisa que acontece na vida vai sendo incorporada e vai ganhando um sentido próprio e contribui para a gente ser aquilo que é.”

O dia da reunião de pauta da entrevista com Raquel, 21 de janeiro de 2016, começou chuvoso. Mais tarde, saberíamos que a chuva do dia foi a maior do ano registrada na cidade até então. Antes, sentimos na pele os efeitos dela.

do fato consumado. Tinha acontecido, já, e ele, pelo fato de ser Medicina, também, né? Toda essa coisa do imaginário social sobre o médico, essa coisa de poder e tal, logo se conformou com a coisa. Mas ele era muito machista. Eu lembro que ele dizia assim: "Mulher tem de ser pediatra, porque não tem inteligência pra ser cirurgiã" Ele achava que cirurgiã era o máximo do médico, aquele que chega, corta e resolve. Mulher tinha de mexer com as crianças, uma coisa mais próxima ao lar. Mas isso foi só no começo. Depois isso foi superado.


Erick – A senhora destacou a questão da perspectiva, do contexto do tempo da juventude da senhora. Como é que foi essa percepção de encarar realmente o mundo sob um espectro ideológico bem definido? Como foi que aconteceu essa percepção de *(que)* "vou encarar o mundo sob essa matriz ideológica" específica?

Raquel – Olha, ela *(a percepção)* era um encontro entre esses valores que eu trazia da minha família com o que eu estava lendo, estudando, e com o que eu estava vivendo em contato com as comunidades – principalmente com uma comunidade linda *(ênfase)* chamada Sol Nascente, que fica no município de Ibirité *(município localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte)*, é como se fosse um pouco a Maranguape aqui da Região Metropolitana de Fortaleza. Eu vivia com eles todos os finais de semana e via os problemas que eles estavam vivendo, tanto nas fábricas, porque eram operários – e eu já era médica do trabalho e já estava vendo as



Para começar: Tais, pela manhã, estava atrasada para a bolsa, na Rádio Universitária FM, e decidiu, munida de coragem e um guarda-chuva, enfrentar a pé o caminho da Igreja de Fátima até o Centro de Humanidades II, localizado na Avenida da Universidade.

No caminho, um ônibus passou na Avenida 13 de Maio com rapidez e, com tudo, jogou nela a água suja de uma poça. Já na rádio, Tais contou com a generosidade das colegas, que a emprestaram roupas para passar o expediente.

A black and white photograph. On the left, a potted plant with long, thin leaves and some broader leaves is visible. In the center, a person's arm extends from the right, holding a lit cigarette. The person is wearing a watch on their wrist. The background is a plain, light-colored wall. On the right side, the back of a wooden chair is visible, with a patterned cushion. The text is overlaid on the central part of the image.

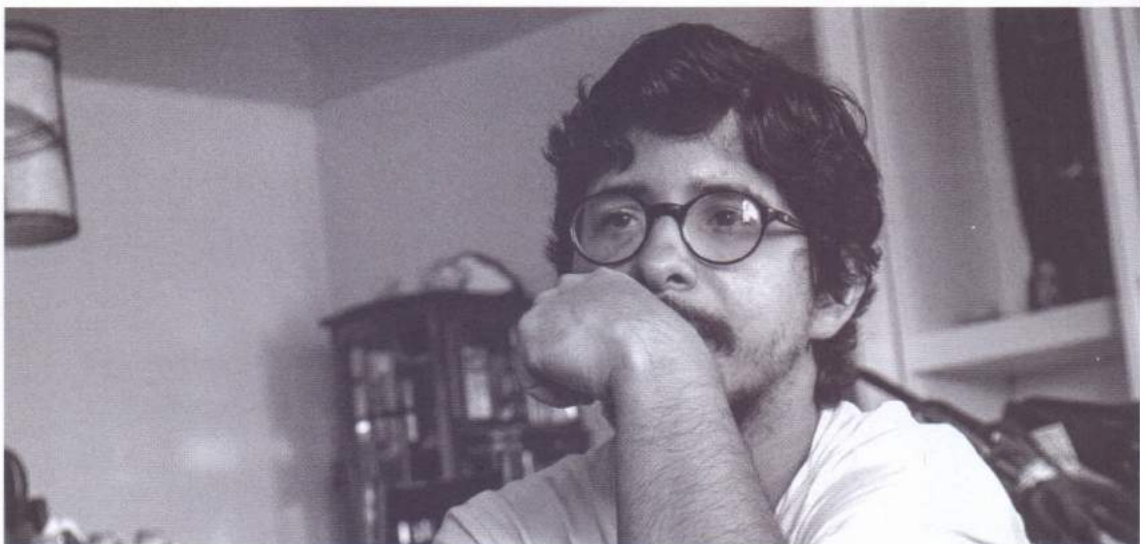
**"Acho que eu
tenho um lado,
assim, uma
quedazinha para a
transgressão, sabe?
Transgredir é algo
que... Eu gosto de
fazer, sabe? Eu
gosto."**



Raquel Chaves, produtora do Rádio Debate, generosamente acolheu Tais na própria casa. Lá, nossa produtora tomou banho e ainda pegou emprestado um *look* completo da jornalista. Agradecimentos à Raquel, Carol Areal, Jádriel Lima e aos amigos da rádio.

condições de trabalho, o ritmo de trabalho, o ruído, a poeira, os acidentes de trabalho, as jornadas prolongadas, o trabalho noturno, o que aquilo significava no corpo deles, na saúde deles...

Concretamente, uma situação que eu lembro muito: a gente estava construindo uma associação, que era também a igreja dessa comunidade do Sol Nascente, e chegou o dia de bater a laje – não sei se aqui fala “bater a laje” também, fala? O dia em que constrói o “tampo” da coisa. É uma coisa que tem de ser feita intensivamente, (*que*) você não pode fazer aos pouquinhos, tem de ser de uma vez só, se não a laje fica rachada. Então, a gente organizou o mutirão das mulheres; nós íamos buscar água lá (*ênfase*) embaixo do morro – Minas tem muitas serras, montanhas, né? – e a gente subia carregando a água, até que a gente descobriu que a gente podia ficar parada carregando a água e o balde, sim, andar entre nós, e a gente fazia isso cantando, foi uma delícia. Os homens (*ficavam*) misturando o concreto e colocando em cima. No final do



Já na hora da reunião, às 14 horas, mais reflexos da chuva – que ainda não havia parado: o CH II estava sofrendo com picos de energia desde cedo e a Sala de Redação, na qual costumam ser nossas aulas, estava sem luz e ar-condicionado.

dia, teve uma “vaca atolada”, que é uma comida deliciosa de Minas Gerais, macaxeira com costela de boi, superbem temperada, aquelas comidas que o povo faz com sustança, e comemos aquilo, tomamos uma cachacinha, mó delícia! Eu me lembro que o seu Dão, que era operário da Magnesita (*Magnesita Refratários S.A., empresa brasileira fundada em 1939 e dedicada às atividades de mineração, produção e comercialização de materiais refratários*), ele falou assim: (*sotaque mineiro puxado*) “Oh, Raquel! Você que é médica, me explica uma coisa. Por que eu trabalho lá na Magnesita um dia inteiro e saio de lá com o corpo todo doendo de cansaço, e aqui eu trabalhei o dia inteiro e tô aqui *bonzin* e feliz da vida?” Ele estava exatamente entendendo a diferença entre o que é um trabalho alienado e o que é um trabalho coletivo, que tinha sentido para ele.

Então eu vivi... Eu arrepio disso até hoje (*aponta para a perna arrepiada*), porque eu vivia com eles isso. A esposa do seu Dão, a dona Juraci, era minha paciente no posto de saúde onde eu atendia – era fora da comunidade dela, mas ela ia lá. Ela tinha uma hipertensão arterial gravíssima e era negra, e a hipertensão arterial em negros costuma ser mais grave do que em brancos. Então (*eu*) tinha uma preocupação muito grande com ela, ficava tentando controlar a pressão com medicamentos e com dieta – tinha de comer pouco sal –, mas eu sempre comia na casa dela nos finais de semana, nos trabalhos comunitários. E aí (*era*) aquela comidinha deliciosa, mas muito (*ênfase*) temperada. Eu falava: “Dona Juraci, como vai ser pra senhora baixar a pressão com esse feijão delicioso (*ênfase*), mas tão salgado?” Ela falou para mim assim: “Oh, Raquel, eu vou te explicar então. É porque quem pode comer carne, tem a carne no prato pra dar aquela diferença, assim, no sabor, né? Quem não pode comer carne tem de temperar mesmo.” (*simula um tapa na própria cara*) Toma! Sabe? Porque... Conseguir enxergar a perspectiva do outro (*é algo que*) não ensinam na faculdade de Medicina. Não, o médico tem de prescrever a dieta hipossódica e ponto final. Eu tinha uma vivência junto com essas comunidades que me ensinava o tempo todo, e continua me ensinando. Eu não abro mão disso na minha vida, é um aprendizado permanente. Então, é uma opção que é alimentada não só intelectualmente, mas também... Vamos dizer assim... Eiticamente, sabe? É uma experiência de indignação, é uma experiência de solidariedade, de vontade de estar junto, de não aceitar tanta injustiça, tanta desigualdade, de não entender os motivos disso e de querer estar ali para ajudar a superar esse

tipo de coisa.

Táis – Raquel, a gente vai agora mais (*especificamente*) para a questão da ditadura militar e daquele contexto (*em*) que você passou parte da sua adolescência e parte da vida adulta, também. Você relatou (*em pré-entrevista*) que tinha exemplares de *O Capital* (*conjunto de livros escritos pelo sociólogo Karl Marx que analisam criticamente o capitalismo e servem como base para ideologias socialistas*) e eles tinham de ficar escondidos. A gente quer saber quais as lembranças dessa época, de como é que você lidava com esse contexto da repressão.

Raquel – Nossa, a gente tinha muito medo, gente. Muito medo. Hoje nós temos outros medos, né? Da violência, urbana especialmente. Mas naquela época era um medo enorme do que se vivia, do que se falava, dos livros que se tinha, dos papéis que se tinha na bolsa. Eu lembro que, nessa região onde eu trabalhava, tinha um vereador que chamava Álvaro Antônio (*Álvaro Antônio Teixeira Dias foi um empresário e político mineiro; foi eleito vereador em Belo Horizonte pela Aliança Renovadora Nacional em 1970, 1972 e 1976, além de ter ocupado outros cargos políticos posteriormente*). Esse vereador era uma tortura para todos nós, porque ele perseguia, ele dedurava, ele gravava coisas que a gente falava na reunião da associação, por exemplo, com o prefeito, onde ele estava, e levava para o DOPS, que era o Departamento de Ordem Política e Social (*órgão do governo brasileiro criado em 1924 e utilizado principalmente durante a ditadura militar de 1964 com o objetivo de controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder*). Eu nunca fui uma militante mais de vanguarda, nisso, mas, nos espaços onde eu circulava, esse clima de medo era muito forte. Eu escutava relatos de amigas minhas, mesmo, como, por exemplo, a Emely (*Vieira*) que era supervisora pedagógica na faculdade de Medicina, mas também uma militante política, e tinha sido presa e torturada logo no início da ditadura, estava perdendo todos os dentes por causa de coisas que fizeram com ela na boca, tortura também na genitália. Ela contava isso para a gente. Era muito, muito triste, muito, muito duro esse período.

Rosiane – E como médica, você chegou a lidar diretamente, de ter de tratar de pessoas que passaram por tortura ou presenciaram?

Raquel – Aconteceu uma vez, Rosiane. Eu estava de plantão no pronto-socorro, ainda como estudante de Medicina – a gente tinha um estágio obrigatório na emergência do pronto-socorro (*do Hospital*) João XXIII –, e chegou não um preso político, mas um pre-

Decidimos ter nossa reunião no “poleiro”, perto dos blocos da História e da Psicologia, onde é fácil encontrar salas vagas. A que ocupamos foi a 13. Depois, Ronaldo nos revelou que ele costumava dar aulas ali mesmo há algum tempo.

A reunião demorou a começar por conta dos atrasos causados pela chuva. Já eram quase 15 horas quando todos os presentes decidiram dar início à discussão da pauta.

A reunião de pauta foi cheia de metáforas e poesia. Da rapidez com que um tema deveria ser tratado ("igual trepada de galo") à maleabilidade da entrevista ("estique a sua baladeira, mas sem arrebentar"), não faltaram "ilustrações" inspiradas.

so comum, todo machucado. Chegou trazido por policiais, cheio de hematomas, de lesões. Eu usei um pouco do poder médico para tirar os policiais da sala, perguntei para ele (o paciente) se tinha sido tortura e ele disse que sim. Eu perguntei se ele queria denunciar, ele disse que sim. Eu liguei para uma amiga minha, Irlene (*Peixoto*) – ela já era formada, era advogada. Isso era de madrugada, e eu falei (*ao telefone*): "Irlene, tá acontecendo isso aqui. O que a gente pode fazer?" Ela falou assim: "Eu vou aí agora" E ela foi, realmente, colheu o depoimento dele como advogada – isso tudo escondido dos policiais, eu morrendo (*ênfase*) de medo de ser descoberta. Lembro-me muito forte dessa pessoa. Um jovem, negro, completamente estragado por tortura.

Taís – Raquel, seu trabalho nas Comunidades Eclesiais de Base se deu na graduação ou você já era formada?

Raquel – Comecei junto com a graduação médica.

Taís – Eu quero saber como foi sua participação nelas e qual o tipo de experiências essa vivência trouxe.

Raquel – Eu não me lembro bem por que vias eu entrei em contato com um padre salesiano, chamava padre Rogério Almeida Cunha, um grande intelectual, já faleceu também, e ele me disse que era padre nessa comunidade e eles estavam querendo discutir muitas coisas de saúde, (*e perguntou*) se eu poderia ir lá ajudar. Eu fui. Falei: "Mas o que é que eu posso ajudar, aqui, nesse ponto de vista da saúde?" Ele disse: "Olha, o pessoal quer aprender a usar um termômetro, saber ler a febre, quer aprender a medir pressão, quer aprender (*a usar*) soro de reidratação, coisas assim, bem simples". Eu falei: "Ah, isso dá para eu fazer" Aí fui. Já começamos *duma* maneira muito engraçada, porque a comunidade não tinha energia elétrica. Eu fui (*para lá*) num sábado, fim de tarde, e na hora de ensinar a olhar o termômetro não tinha energia elétrica. Então, a gente chegava o termômetro bem perto da lamparina, até usava a chama para fazer andar a coluna de mercúrio no termômetro, e eu ficava tentando mostrar para eles, cintilando ali, a coluna de mercúrio. Eles não conseguiam enxergar, até que eu entendi que eu tinha de ir lá um dia, durante o dia, com a luz do sol, para eles poderem ver aquilo. Nisso, eu conheci um grupo de pessoas que me encantou muito. Esses encontros sobre saúde eram na casa da dona Aparecida, uma mulher *duma* sabedoria, *duma* beleza, uma negra linda! O marido dela era o *seu* Plínio, ele também era operário de Magnesita, trabalhava com o *seu* Dão, eles eram vizinhos. Eu comecei a me

encantar muito por aquelas pessoas, sabe? A sabedoria delas, a vida em comunidade que elas tinham, a solidariedade que elas tinham – que eu não via no meu meio, onde eu vivia.

Eles foram me convidando para participar de outras coisas, (*d*)o círculo bíblico, que era estruturante na época das CEBs (*Comunidades Eclesiais de Base*). Tinha o *seu* Raimundo que fazia leitura do texto da Bíblia, e depois o texto da vida – que sempre era isso, a metodologia que confrontava, aproximava, aquilo que a Bíblia trazia das vivências que aquelas pessoas estavam tendo. Eu fui percebendo como que aquele bairro não tinha transporte – eles andavam um tempão até chegar ao outro bairro onde tinha um ponto de ônibus –, não tinha energia elétrica, eles não tinham água encanada, as mulheres passavam metade do dia carregando água, a escola para as crianças era longe, eu comecei a me envolver com isso. Nós formamos um grupo, a partir desse padre Rogério, (*depois*) entrou a Vanda, que era uma professora de escola pública, depois foram entrando outros jovens e a gente começou a estruturar melhor o trabalho. Construímos junto com a comunidade uma associação de bairros. Tinha, por exemplo, a missa do 1º de Maio, ainda durante a ditadura, mas a Igreja criava esses espaços onde os policiais ficavam no entorno, a gente podia fazer alguma coisa. A gente passava semanas trabalhando os textos do folheto da missa, para escolher algumas palavras, ali, que comunicassem com as pessoas um desejo de libertação, uma consciência de direitos, e não fossem entendidas como subversivas para a polícia não deixar acontecer.

Erick – Na sua casa todos cantavam, você até falou que cantava também, destacou aqui a vitrola no começo da entrevista, *tô* vendo uns discos aqui, Chico Buarque... A arte, a música, teve na época da ditadura um papel fundamental para dar voz a alguns anseios sociais. A arte também teve esse papel na vida da senhora? A música, a literatura, esse tipo de coisa também teve um papel importante nessa construção desse momento de juventude?

Raquel – Muito, muito. A música, a literatura... O cinema eu tinha pouco acesso. Era uma coisa fora das minhas posses, eu não tinha dinheiro, mesmo, para ir ao cinema. O teatro um pouco, também. O movimento estudantil começou a fazer peças de teatro no DCE (*Diretório Central dos Estudantes*) e eram peças muito boas. Lembro que vinham grupos latinos, tipo aquele Tarancón (*banda brasileira formada na década de 1970 que procurava divulgar a música latino-americana*), que era um grupo que tinha músicas

Foi nessa reunião de pauta inspirada que Brenda avisou para a turma e o professor que não poderia participar da última entrevista do projeto. Ela tinha uma aula na autoescola marcada para as 18 horas, e, caso ela participasse, o tempo ficaria apertado.

muito revolucionárias, que teve um show no DCE. Principalmente, Milton Nascimento, Chico Buarque, Caetano Veloso, (*Gilberto*) Gil, Ednardo, Belchior, essas pessoas... Nossa, a gente cantava a plenos (*ênfase*) pulmões! Cantava arrepiando, chorando. Com aquele diálogo (*da música*) com as coisas que a gente estava vivendo. Essa vitrola (*a da casa dela atual*) está sendo um reencontro. Têm uns seis meses, só, que eu a comprei, então eu estou podendo ouvir de novo, no vinil – porque é muito diferente de ouvir no CD –, as músicas daquela época. Eu deito aqui nesse sofá e fico horas lembrando inclusive do momento que eu estava vivendo, do que estava acontecendo no meu entorno, das questões. É muita intensa, é muito forte essa presença.

Mylena – Raquel, e como era a reação da família em relação aos seus posicionamentos ideológicos? Era complicado, eles discordavam de você, havia um embate em relação a isso?

Raquel – Havia. (*pausa*) Havia, sim. Era um conjunto: o posicionamento ideológico, a maneira de vestir – porque essas coisas sempre andavam juntas –, a maneira de viver os namoros, a maneira de viajar – porque eu gostava era de acampar no mato –, e isso entrava muito em conflito especialmente com o sonho que a minha família tinha da doutora, que era ela com um avental de linho branco, com (*a palavra*) “doutora” bordada aqui no bolso, muito bem bordada. Mamãe sonhava de fazer esses aventais para mim. Um consultório na Savassi (*bairro nobre de Belo Horizonte*), que é a Aldeota (*bairro nobre de Fortaleza*) de lá, de BH, com granitos, vidros de banco. Eles viam que eu estava tomando outro caminho. Quando eu me formei em Medicina, eu já morava na periferia. Fui morar lá nas comunidades com as quais eu trabalhava. Então (*era*) todo aquele sonho da filha, que estava (*se*) formando em Medicina, mas não exatamente da forma como eles queriam. Eu fazia alguns acordos. Por exemplo, eu combinei com a minha mãe que a roupa da missa da formatura, ela podia fazer do jeito que ela quisesse, que eu ia vestir e ia com ela. Agora a roupa da colação de grau, eu ia escolher. Aí eu, viajando pelo interior, encontrei umas mulheres que faziam a partir do algodão... Elas fiavam, teciam, num tear manual, e vendiam um tecido maravilhoso. Eu tenho esse vestido aqui até hoje, se quiserem eu posso mostrar. Depois elas ainda bordavam, elas vendiam também umas tiras bordadas, e eu fiz um vestido assim, que era com umas franjas – porque arrematava o fio com franja, não tinha como fazer o processo industrial de fechar a beiradilha do tecido –,

tinham umas franjas, (*tudo*) bordadinho, de alcinha. A tristeza da minha mãe é que por cima da beca preta da formatura, aquela coisa, (*entre risos*) apareciam as franjas na foto do álbum de formatura, surgiu lá, ainda, aquele pedacinho.

Mas (*houve*) o fato de eu ter saído de casa aos 18 anos – fiz o curso de Medicina praticamente já fora de casa. Eu me separei ainda no curso de Medicina e não voltei para casa. Eles tinham quase que a certeza de que eu ia voltar. Não voltei para casa, fiquei morando sozinha. Daí a um ano e meio, me casei uma segunda vez, então quando eu formei eu já estava com o segundo marido num período muito curto de tempo. Eles ficavam muito (*ênfase*) assustados com isso. “Você é a primeira da família que desquita”. No meu quarto tinha um cartaz, era um trechinho da música que a Rita Lee gravou, nem sei quem é a autora, que dizia: (*cantando*) “Foi quando meu pai me disse: ‘Filha, você é a ovelha negra da família. Agora é hora de você assumir. E sumir!’” (*a canção Ovelha Negra é de autoria da cantora Rita Lee e foi lançada no álbum Fruto Proibido, em 1975*) Não era fácil, porque era assumir mesmo. Eu tinha de dar conta da minha comida, do aluguel, da terapia que eu tinha de fazer para segurar a minha cabeça, porque se não eu pirava mesmo. Paguei o preço da minha liberdade, afirmei muito o caminho que eu tinha escolhido e, lá pelos 30 anos, quando eu publiquei meu primeiro livro, eles já começaram: “É capaz dessa menina não ser tão doida assim” Agora, isso do ponto de vista ideológico. Do ponto de vista do afeto, quando as coisas apertavam para o meu lado, que eu brigava com o marido, que eu ficava desesperada, eu ia chorar no colo deles e tinha o colo. Isso sempre foi... Muito afeto, muito acolhimento! Na hora que o bicho pegava, eles socorriam. Então, era esse processo com esses dois lados.

Átala – A senhora contou para os meninos (*da produção*) que a senhora trabalhou na Delegacia Regional do Trabalho em Minas Gerais, ocupou um cargo muito importante lá. Você era muito jovem, tinha 27 anos. Como é que foi esse cargo tão importante no meio de pessoas que eram mais velhas, e ser tão jovem e ainda (*por cima*) mulher? (*Raquel foi diretora da Divisão de Segurança e Saúde no Trabalho da DRT em Minas Gerais*)

Raquel – Muito (*ênfase*) desafiante! Muito (*ênfase*) desafiante! É porque eu era muito doida. Hoje, talvez, eu não tivesse essa coragem, sabe? Eu não queria (*o cargo*), eu tinha noção do desafio, do tamanho do desafio. O delegado que foi colocado (*na DRT*) com a Nova República (*período logo após o final da ditadura*), Paulo Lott (*Paulo Emílio Coe-*

Brenda permaneceu em sala durante toda a reunião de pauta e, mesmo sem necessidade, apenas por comprometimento e vontade, opinou e discutiu sobre a pauta, como se fosse participar da entrevista.

No dia da entrevista, a turma sofreu mais uma baixa. Frida acordou muito doente e avisou pelo WhatsApp que não compareceria. A equipe de produção ficou nervosa com mais essa ausência.

João e Tais tiveram a impressão de que Brenda e Frida teriam adorado a entrevista e a entrevistada. Também imaginaram que as quase 2h20min de entrevista teriam se estendido com a presença de mais duas mentes inquietas formulando perguntas.

Iho Lott, jornalista e Delegado Regional do Trabalho à época, insistiu comigo durante três meses, para eu aceitar. Por outro lado, eu estava atuando nessa época, através da Fundacentro (*Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho, criada em 1966*), no ambulatório de doenças profissionais do Hospital das Clínicas da UFMG – já junto com a universidade, era cedida uma parte da minha carga horária para a universidade (*Raquel já tinha inserção na universidade, pois a UFMG trabalhava em convênio com a Fundacentro*). Nesse ambulatório a gente atendia a trabalhadores portadores de doenças profissionais e eu colhia a história ocupacional deles – as condições de trabalho, os riscos no trabalho, enfim. Às vezes, eu chegava em casa tão indignada, tão indignada com aquelas histórias, de ver, de uma forma bem estrita, o capital adoecendo o corpo de uma pessoa. Eu ficava muito indignada. Do ponto de vista do sistema público de garantia de direitos, a DRT tinha um papel fundamental nisso, porque cabia a ela



A escolha do fotógrafo foi simples. Tais e João tinham o nome de Filipe Pereira em mente. Bastou uma olhada na conta do Instagram do estudante do 5º semestre que a decisão foi tomada. (vale a conferida: @filipenpd)

fiscalizar as empresas, a ela não deixar que tivesse aquela quantidade de fungo na reformadora de baterias ou aquela poeira na mina de ouro lá em Morro Velho (*complexo de minas de ouro localizado próximo à cidade de Nova Lima, Minas Gerais*) que dava silicose (*doença provocada pela inalação de poeira de sílica*) nos trabalhadores, ou que tivesse um limite no número de toques que os digitadores davam, porque nessa época foi a eclosão da epidemia de LER (*lesão por esforço repetitivo*), 1983 mais ou menos.

De certa forma, o convite para dirigir aquela Divisão de Segurança e Saúde no Trabalho me atraía pela possibilidade de fazer valer o que era atribuição legal daquela instituição. Mas eu sabia que ia ser muito difícil. Acabei encarando e me ancorei naquilo que eu tinha aprendido no campo da saúde coletiva, em termos de ter uma ação planejada, de eleger prioridades de acordo com os critérios de frequência, gravidade, prevenibilidade, de investir na capacitação dos fiscais, que eram médicos e engenheiros, de premiá-los por sucesso, de fazer projetos que tivessem uma dimensão mais estratégica. Então, nós montamos frentes de trabalho, grupos de fiscais para cada um desses temas, capacitamos no tema, e a Fundacentro, onde eu estava, dava esse aporte. De certa forma, aqueles que resistiam a esse tipo de proposta – que eram os mais velhos de casa – ficaram um pouco à margem, mas não tinham força para impedir, porque os jovens que tinham feito concurso junto comigo – eram recém-contratados também – empolgaram. A resistência deles foi diminuindo. Chegou um ponto que surgiu na DRT como um todo, para além dessa divisão onde eu era diretora e desses idosos que estavam lá, um *ti-ti-ti* de que eu estava querendo fazer um trabalho acadêmico na DRT, que eu não estava entendendo onde é que eu estava, que eu devia ir era para a academia. Nisso, o Patrus (*Ananias de Sousa, primeiro marido de Raquel, advogado e*

“Eu cumpria minimamente as obrigações (da faculdade de Medicina), mas eu não sentia vínculo com aquilo (...) Não conseguia me achar naquele espaço.”

atualmente Ministro do Desenvolvimento Agrário), me liga – a gente já estava separados – e fala: “Vai ter concurso pra UFMG. Por que você não faz?” Eu falei: “Sabe que é uma boa mesmo? Eles estão me empurrando para a universidade, quem sabe esse é o meu caminho?” Eu resolvi me inscrever nesse concurso e fui.

Daniel – Como foi que a senhora se sentiu reencontrando esse sonho (*da docência*) que tinha sido deixado lá atrás, na Pedagogia?

Raquel – Pois não é, cara! Agradecendo a beleza da vida, sabe? Porque a gente, às vezes, quando é novo, pensa: “Eu vou fazer o meu plano de vida, é assim, assim, assim, assado, e vou seguir isso daqui, isso vai dar certo”. A gente vai aprendendo com a vida que ela também faz propostas para a gente. Ela também sinaliza coisas. A gente vai aprendendo a ler esses sinais. Foi muito bonito esse momento, e ele ainda (*foi*) celebrado de uma forma muito mística, que eu contei para os meninos (*da produção. Em pré-entrevista, Raquel contou que no sorteio do tema da aula prática e da prova didática do concurso, havia dez papeizinhos dobrados com os dez pontos do programa. Raquel contou que se sentia confortável com seis deles, e com os outros quatro ela desistiria do concurso. Na hora da escolha do papel, Raquel disse: “E aí, Espírito Santo, qual que é?” E um dos papeizinhos abriu sozinho. O tema dele era: “Organização de serviços de saúde do trabalhador”, que justamente tinha total afinidade com a atuação de Raquel no ambulatório da UFMG*). Mas foi muito bonito o próprio processo do concurso e eu poder reafirmar a minha escolha de ganhar (*na UFMG*) quase que sete vezes menos do que eu ganhava (*na DRT*) e assumir na universidade. Isso foi uma guinada onde eu me senti muito, muito bem e muito feliz. Mas ainda sobre a questão de gênero na DRT... Álala?

Átala – Á-ta-la.

Raquel – Á-ta-la. Teve um episódio que foi muito engraçado. Tinha uma empresa em Caxambu (*município do sul de Minas Gerais*), que é uma estância hidromineral de Minas, (*que*) chamava Companhia Paulista de Ferroligas. Essa empresa tinha uma história trágica em São Paulo, de ter provocado intoxicação por manganês em vários trabalhadores. (*A empresa*) foi expulsa de lá pela CETESB (*Companhia Ambiental do Estado de São Paulo*), passou a fronteira e se instalou no sul de Minas. Com poucos anos que ela estava lá, um perito do INSS (*Instituto Nacional do Seguro Social*) que é muito parceiro nosso, o Crisóstomo (*Dalton de Castro Crisóstomo Júnior*), identificou na perícia do INSS cinco trabalhadores de lá também com um quadro

compatível com manganismo (*condição tóxica resultante de exposição ao manganês*). Pela universidade, a gente estudou esses casos, esse mesmo momento foi o momento em que eu assumi na DRT, então eu tinha um compromisso visceral com aqueles cinco trabalhadores aleijados pela empresa, de fazer alguma coisa por eles e pelos outros que ainda estavam lá correndo o mesmo risco. Nós nos preparamos, fizemos uma fiscalização classe A na empresa, muito detalhada, muito fundamentada cientificamente e interditamos a empresa.

Foi muito interessante porque, quando a gente interditou, aí sim a empresa veio para conversar, porque antes a gente estava multando, multando, multando e ela não estava nem aí. Chamava para reunião com o delegado e eles não compareciam. Quando a gente interditou, era 24 de dezembro, a empresa apareceu para conversar. Eu li no rosto dos empresários o espanto deles em verem a Raquel Rigotto, sabe? Porque eles achavam que era uma velha, encarquilhada, e chegaram lá e me encontraram. Eles ficaram olhando uns para os outros, de uma maneira completamente perplexa de... Como lidar com uma mulher que estava empoderada num cargo público, que tinha inclusive poder de polícia. Eu percebi que foi muito surpreendente para eles. E eu usei isso na negociação. Sempre que é preciso eu uso, mesmo. Uso todos os poderes que eu tiver (*risos*) para fazer valer esse tipo de combate à injustiça.

Taís – Raquel, agora a gente vai para o bloco dois, que vai tratar da sua vinda para Fortaleza e a sua adaptação. Ele é um bloco mais breve, então a gente vai ter de falar um pouco menos, porque o bloco três vai tomar um pouquinho mais de tempo.

Raquel – Aí você vai me cortando...

Taís – (*risos*) Tá certo. Você veio para Fortaleza em 1994, com 38 anos. Quando recebeu o título de cidadã fortalezense no ano de 2012 (*o projeto de concessão da cidadania foi de autoria do vereador João Alfredo – Psof*), você disse que veio para cá por conta do mar, por conta de, como você relatou, ter uma relação muito forte, uma admiração muito forte pelo mar, e também por conta do amor, na figura do Alberto, que foi o último marido. Além dessas, por assim dizer, influências externas, quais eram os ímpetos pessoais, o que passava pela sua cabeça nesse processo de vinda para Fortaleza?

Raquel – Pois é. Esse que eu acho que é outro momento em que a vida (*Raquel gesticula como se algo estivesse sendo levado de um lugar para outro*) fez assim comigo e me trouxe sem eu ter muita consciência do que eu estava escolhendo, do que eu estava

João costumava, por brincadeira, falar que o maior critério para a decisão sobre o fotógrafo era se ele tinha carro. Nas entrevistas anteriores, sempre que o local escolhido era longe, o fotógrafo calhava de ter um carro e poder levar parte do grupo.

Filipe, no caso, tinha carro, mas não se sentia seguro no trajeto até a Praia do Futuro, local da entrevista. O esquema de ida e volta, então, foi que parte do grupo iria com o professor Ronaldo e a outra parte com um taxista amigo dele.

O único membro da turma que teve outro esquema de ida foi Lauriberto. Ele foi para a Praia do Futuro de casa – porém, no final da manhã. A entrevista estava marcada apenas para as 15 horas, e Lauriberto ficou na praia durante horas, no aguardo.

fazendo. Foi muito determinante para mim a vinda para o Ceará, eu sou muito feliz aqui, encontrei um espaço de trabalho, pessoas que eu amo, que eu me identifico, que eu me sinto útil, que me possibilitaram alargar meus horizontes enormemente. Eu acho que o amor – que eu identifiquei no começo que era o amor do Alberto, ou pelo Alberto, que também passou pelo amor do nosso filho, que chegou um ano depois – se estendeu para esse lugar. Eu acho que é uma coisa que eu também não decidi, não planejei. Quando eu vim para cá, é claro, eu pensei como eu iria conciliar minha vida profissional (*com a vida pessoal*), eu pensava (*em*) ser professora na faculdade, mas eu sabia que aqui não tinha a nossa disciplina de saúde do trabalhador, de saúde e ambiente. Pensava em construir um ambulatório de doenças profissionais no Hospital Universitário aqui, como a gente tinha em Minas, mas também não tinha muita noção de como fazer isso, porque não tinha estudado aqui, não conhecia os colegas, os professores etc.. Cheguei aqui porque a vida me trouxe, mesmo. A vida me trouxe, tinha coisas guardadas aqui me esperando.

Táís – Raquel, como foi que você conheceu o Alberto, e como foi esse processo, desde Brasília (*Raquel morou pouco mais de um ano em Brasília antes de vir para Fortaleza*) até você vir morar aqui?

Raquel – Então, entre 1992 e 1994 teve um mandato tampão do (*presidente*) Itamar Franco, logo depois do impeachment do (*Fernando*) Collor (*presidente do Brasil de 1990 a 1992 quando renunciou e sofreu o*

impeachment), ele (*Itamar*), como vice-presidente, assumiu o cargo. O ministério foi todo recomposto e eu fui convidada pra assumir a Secretaria Nacional de Segurança e Saúde no Trabalho, no Ministério do Trabalho. E o Alberto era orientando do ministro, que era o Walter Barelli (*Ministro do Trabalho durante o governo Itamar Franco*), professor da Unicamp (*Universidade de Campinas, em São Paulo*), do Dieese (*Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos*). Quando o Barelli assumiu como ministro – sabendo que o Alberto era cearense –, ele o convidou para ser o delegado regional do trabalho do Ceará. Então, nós tínhamos reuniões nacionais desse grupo, e (*foi*) nessas reuniões das equipes que o Alberto e eu nos conhecemos. Logo na primeira reunião ele se encantou muito com o meu discurso, porque, embora eu estivesse no grupo do ministro, eu fazia um discurso também transgressor e contra-hegemônico lá dentro. Então, no primeiro cafezinho que teve, ele falou assim: “Ei, você já pode se candidatar, viu? Se quiser se candidatar lá no Ceará eu arrumo uns votos pra você.” E assim nós começamos um diálogo que acabou num namoro e depois num casamento.

Daniel – Quando a senhora chegou aqui no Ceará, ele (*o Estado*) correspondeu às expectativas? A senhora fala com muito amor do Estado, da cidade de Fortaleza... Mas como foi encarar a Fortaleza real? Como foi chegar aqui, de fato?

Raquel – Foi um processo. Foi um processo. A começar pelo semiárido e a caatinga.

Eram 10 pessoas para subir ao apartamento de Raquel e o elevador não comportava todas ao mesmo tempo. A turma se dividiu em dois grupos. O primeiro grupo chegou ao apartamento, mas o segundo demorou. Quem já havia chegado estranhou o atraso.





Passados 10 minutos, Erick, do segundo grupo, ligou para João Gabriel relatando que eles tinham ficado presos no elevador. O primeiro grupo suspeitou, na brincadeira, de que isso tivesse acontecido, mas jamais poderia saber que a gozação se provaria real.

Eu tinha sido criada na mata atlântica. Os programas de domingo eram a cachoeirinha no mato com uma cachacinha *pra* garantir o frio depois da cachoeira. Cheguei aqui e encontrei outro bioma que eu tive de aprender a apreciar, a reconhecer a beleza, a riqueza, a diversidade dele. Estranhei muito, também, as relações de gênero. Lá em Minas, no meio em que eu vivia, eu dizer que já tinha sido casada três vezes era, tipo, dar currículo, sabe? "Poxa, meus respeitos, é uma pessoa que tem experiência." Aqui (*no Ceará*) eu comecei a sentir que isso causava um incômodo – pelo menos no universo onde eu fui introduzida, dos amigos do meu (*então*) marido. Isso causava certo incômodo e as pessoas logo mudavam de assunto como se isso não merecesse ser mencionado, não fosse adequado. Eu comecei a perceber as relações de gênero que estavam nos casais com os quais eu convivia. Uma vez foi até desagradável: a gente estava em um fim de semana na casa de um casal – fora daqui de Fortaleza – e houve uma discussão em que ele a mandou calar a boca. E eu não suportei. Eu entrei no meio da conversa e falei: "O que é isso? Você vai aceitar isso? Como é que você fala assim?" (*tom de indignação*). Nós tivemos de juntar as malas e ir embora do final de semana, criou aquele clima desagradável. Depois eu comecei a observar como, também, nas próprias mulheres existe um machismo muito marcado. A forma como as mulheres se comportavam. Algumas, né? Claro que tem mulheres maravilhosas, que tem grupos feministas (*em*) que essa discussão acontece

aqui. Mas eu digo assim: da amostra que eu estava tendo do Ceará que estava sendo apresentado para mim naquele momento. As relações capital-trabalho também me impressionaram muitíssimo, muitíssimo. Como eram duras e desrespeitosas. Não digo que em Minas não tem exploração. Claro que tem, é o mesmo capitalismo. Mas, por exemplo, eu lembro de uma pessoa que fazia faxina lá em casa, e ela começou a chegar muito tarde. Um dia eu sentei com ela e falei: "Oh, Célia, eu queria conversar um pouco com você, porque você *tá* chegando tarde, então o dia rende pouco pra você fazer tudo que precisa ser feito. O que *tá* acontecendo? É algum problema no ônibus? Em que eu posso ajudar?" Ela começou a chorar. Chorou, chorou, chorou, chorou. No final ela conseguiu dizer: "Dona Raquel, é porque nunca nenhuma patroa minha falou "por favor" comigo, nunca nenhuma pediu licença, a senhora faz isso, eu achei que a senhora era abastada." (*todos riem*) Como isso (*a situação com a faxineira*) revela uma opressão de classe em que alguém que não oprime é um abastado. E isso me revelou muito disso que eu já vinha sentindo. E eu comecei a visitar as empresas aqui também, e perceber isso. Então, no começo teve esse estranhamento, sim.

Lauriberto – Continuando nessa questão do Ceará, a visão que a senhora tinha do Estado antes de morar aqui mudou quanto quando a senhora passou a morar aqui? Assim, você tinha uma visão antes de morar aqui, no período de Minas. Essa visão mudou muito? Ou a senhora já esperava encon-

A dupla de produção ficou de coração partido por não ter tido como aprofundar na captação certos aspectos que foram tratados na pré-entrevista. Porém, como Ronaldo sempre lembrava, jornalismo é seleção e hierarquização de conteúdo.

Um dos assuntos não aprofundados foi a relação de Raquel com o filho. Bebeto, modo como Alberto Luiz é chamado pela mãe, estuda Ciências da Computação na UFC.

trar várias das coisas que encontrou?

Raquel – Bom, a visão que eu tinha do Ceará antes de vir *pra cá* não era a visão que um típico habitante do Sudeste tem, que é uma visão preconceituosa, contra o nordestino, de menos valia etc.. Vocês conhecem isso muito bem. Eu tinha a visão aqui do Belchior, do Ednardo, de Canoa Quebrada (*praia localizada no litoral leste do Ceará, distante 166 km de Fortaleza*)... Em 1981 eu passei um mês em Canoa Quebrada. Era um sonho que eu realizei. Lá ainda não tinha energia elétrica, fiquei numa casinha de pescador dormindo num chão de areia. Então, era isso que eu imaginava do Ceará naquela época. Então, mudou nesse sentido, de eu entrar em contato com esse estrato social no qual eu convivi e de depois poder indo encontrar outras pessoas, outras cabeças, outros modos de viver, outros olhares. E sentir como a vida pulsa aqui, toda a singularidade e a beleza da vida aqui.

Taís – Você veio *pra cá*, e ficou grávida do filho, o Alberto, no final de 1994, ou seja, no primeiro ano em que você começou a morar em Fortaleza. Isso foi um desafio *pra* você? E você teve alguém *pra* ajudar a cuidar dele?

Raquel – Olha, eu sonhava demais (*ênfase*) em engravidar. Eu tinha tanta vontade de ter um filho que meu peito dava leite direto. O ginecologista que eu ia periodicamente chegou até a colher material *pra* examinar e tal, porque eu tinha leite direto. No dia das mães eu chorava, chorava (*prolongando a palavra*) porque eu já tinha tido tantos casamentos, tantos amores, tantos namorados e nunca tinha tido um filho (*fazendo um som de lamento*). E a gravidez foi uma coisa muito legal *pra* mim. Embora, quando eu vi o resultado de exame mesmo, eu: (*tom de surpresa*) “É verdade mesmo. E agora?” E comecei a trabalhar isso. Mas (*eu*) curti muito a gravidez, foram nove meses assim... Eu digo que a melhor droga que eu experimentei foi a gravidez, foi a que me deu o melhor barato. Eu ficava de boa o tempo inteiro, eu não buzinava *pra* ninguém, eu não tinha raiva de nada. Foi muito legal. E depois, quando o Bebeto nasceu, eu comecei a enfrentar tudo isso que as mulheres enfrentam, né? De ter uma vida profissional, e ter um filho, e querer ser mãe, e não ter uma infraestrutura na sociedade que permita fazer isso com o mínimo de segurança, de tranquilidade. Então, tive episódios de, por exemplo, estar num seminário nacional e falando no microfone com o Bebeto no colo porque a babá tinha adoecido e não tinha vindo naquele dia. Hoje, nos meios que eu circulo, isso é supercomum... Então, foi muito difícil. Ele dormia pouco, acordava às quatro da manhã, tipo:

“Comecei a me achar um pouco na faculdade a partir (...) (*da*) figura de um ou outro professor que (...) enxergavam a pessoa como um todo, ouvia um pouco o contexto.”

“Bom diaaa!” E a gente ia deitar meia-noite e tinha de acordar com ele. Até nos mudamos *pra* Praia do Futuro por causa disso. Porque há 20 anos, eu tinha coragem de sair de casa com ele aqui às 4h30min da manhã e ficar na praia até o dia clarear. Isso era possível, não tinha perigo. Mas passou essa fase e os desafios da condição de mãe são outros.

Rosiane – Raquel, você falou que tinha uma visão do Ceará, e, quando chegou aqui, acabou lidando com uma realidade um pouco diferente. Em relação ao trabalho em Minas Gerais e ao trabalho aqui, eu gostaria de saber o que mudou na Raquel profissional que trabalhava em Minas Gerais e na Raquel profissional que trabalhava aqui, adequada à realidade daqui do Ceará.

Raquel – Certo, muito boa a pergunta, Rosiane. É que entre Minas Gerais e o Ceará tiveram duas coisas importantes. Essa passagem por Brasília, que foi curta – foi um ano e alguns meses –, mas me abriu muito para uma perspectiva de enxergar o país, de enxergar nacionalmente, de enxergar as questões do acordo coletivo de trabalho, da legislação trabalhista, do planejamento estratégico... Aprendi muito em Brasília nesse período. E, também, em 1994 ainda, ou em 1995, eu iniciei um programa de formação de líderes em meio ambiente e desenvolvimento. Que foi um programa que abriu minha cabeça, inclusive, para incorporar a questão do meio ambiente – na época, a gente falava do desenvolvimento sustentável –, no debate que eu já fazia da saúde do trabalhador, e com (*a experiência de*) Brasília tinha se expandido para reestruturação produtiva, globalização.

Então, teoricamente, minhas referências se ampliaram, minha visão de mundo também se ampliou e meu problema de estudo também foi modificado. Eu passei a trabalhar as relações entre saúde do trabalho e ambiente. Tanto que isso foi a nossa primeira iniciativa aqui no Ceará, um Curso de Espe-

Segundo Raquel, Alberto Luiz possui diferenças em relação a ela, mas a relação entre os dois é marcada por muito diálogo e respeito. Ainda segundo a professora, o garoto afirma que jamais seria um “trameiro” (*integrante do Tramas*).



Na pré-entrevista, ela contou que se preparou para que o parto de Beбето fosse diferente, de cócoras, igual ao das indígenas. Raquel relatou que a preparação para o parto foi um verdadeiro carnaval.

cialização Saúde, Trabalho e Meio Ambiente para o Desenvolvimento Sustentável (*que no futuro viria a se tornar o TRAMAS*). Começou em 1996 esse curso. Então, é outra pessoa que chega aqui, sabe? Aquele plano de montar um ambulatório de doenças profissionais... (*pausa para tossir*) Assim que eu sentei com a Alba Pinho, (*professora*) das Ciências Sociais (*da UFC*), pra conversar sobre esse curso de especialização, ela me deu o plano de desenvolvimento sustentável do Tasso (*Jereissati, do PSDB, governador do Ceará em 1994; deu prosseguimento aos programas sociais implantados na primeira gestão e avançou com a implantação do Plano de Desenvolvimento Sustentável que, segundo pregava, visava à proteção ambiental, ao reordenamento do espaço, à capacitação da população, à geração de emprego e renda e ao estímulo à cultura, ciência e tecnologia*) para ler. E eu li aquele plano: ele planejando atrair um monte de indústrias *pra* fazer o desenvolvimento do Ceará. Eu falei: "Minha Nossa Senhora! De que adianta a gente montar um ambulatório de doenças profissionais,

se ele tá montando aqui fábricas e mais fábricas de doentes profissionais?" Então, é botar uma bacia debaixo de uma goteira, isso não faz sentido. Nossa intervenção tem de ser num plano mais amplo, que interfira nesse modelo de desenvolvimento, no sentido de construir sustentabilidade *pra* ele. Então, foi um salto mesmo, na minha trajetória teórica, acadêmica e profissional.

João Gabriel – Raquel, a gente percebe que essa sua trajetória profissional foi muito rica. Houve empregos lá em Minas Gerais, teve sua passagem por Brasília... Mas, chegando aqui, você já é uma mulher feita, com 38 anos, já com a cabeça muito solidificada. Você percebe ou acha que esse olhar social que você trouxe na sua trajetória se solidificou aqui no Ceará?

Raquel – Solidificou talvez seja uma palavra forte, porque eu acho que na vida a gente tem de evitar que as coisas solidifiquem. Eu acho que (*é melhor*) manter uma ideia de movimento permanente, de construção, *né?* Eu preferiria. Mas, pegando um dos sentidos da sua pergunta, eu acho que aqui encontrei um

"Eu lembro que ele (*o pai*) dizia assim: "Mulher tem de ser pediatra, porque não tem inteligência pra ser cirurgiã" (...) Mulher tinha de mexer com as crianças, uma coisa mais próxima ao lar."

Como Raquel queria fazer um parto de cócoras, desenterrou uma cadeira para esse tipo de procedimento, além de se preparar ao longo da gestação com massagens, meditação e exercícios para fortalecimento.

Raquel levou para o hospital uma banheira para pôr água quente e para o bebê ser colocado lá, levou também músicas de meditação para o trabalho de parto, incenso e almofadas.



espaço de trabalho extremamente fecundo. Seja pelas possibilidades de diálogo interdisciplinar – esse curso de especialização já começou (*com*) a saúde comunitária, que era o meu departamento, com a Enfermagem, com as Ciências Sociais e com a Geografia –, seja do ponto de vista do diálogo com movimentos sociais. Porque esse período, desde a DRT em Minas, Brasília, foi um período muito institucional meu, em que eu convivi menos com essas comunidades, com a (*comunidade*) Sol Nascente, por exemplo, convivi mais com o aparelho de Estado. E aqui eu pude reencontrar esses movimentos sociais da Zona Costeira, das comunidades de pescadores, marisqueiras, o pessoal atingido pela carcinicultura, o Instituto Terramar (*instituto que atua na Zona Costeira do Ceará, visando ao desenvolvimento humano com justiça socioambiental e fortalecimento da identidade cultural dos povos do mar*), que também foi muito precioso para nós, o Instituto Terrazul (*fundado em 1997, o instituto tem sede na Ilha da Gigóia no Rio de Janeiro, e tem como estratégia de trabalho a formação de redes de desenvolvimento local visando a articulação de parcerias em prol da sustentabilidade das regiões trabalhadas*) do qual eu também participei um período. E depois o próprio MST (*Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, movimento que está organizado em 24 estados do Brasil, e conta com trabalhadores rurais que lutam pela reforma agrária*

Raquel passou 18 horas em trabalho de parto. No entanto, apesar de todos os esforços, ela teve de recorrer à cesárea. Raquel só teve quatro centímetros de dilatação por conta da idade. Esse fenômeno é chamado na medicina de primípara idosa.

no País) e os movimentos sociais que a gente encontrou já na pesquisa em agrotóxicos. Então, foi possível construir essa perspectiva mais social das relações entre saúde, trabalho e ambiente, em um terreno muito mais ampliado e mais fecundo, sem dúvida.

Taís – Ao longo da sua vida você teve muitos momentos de ruptura, de construção ideológica. Você saberia mapear o momento que você considera decisivo *pro* nascimento desse olhar para a questão social?

Raquel – Eu iria lá aos 13 anos, sabia? Ponderando que não é um momento só. É um germezinho que dali ele encontra uma terrinha fértil, *panha* um ar – como se diz aqui no Ceará – e dá mais um passo, e dá mais outro, e ganha outros elementos, né? Mas eu acho que o episódio fundante foi ali aos 13 (*anos*). E eu *tô* cada vez pior, viu?

Mylena – Você fez seu doutorado aqui no Ceará sobre a questão do desenvolvimento e da sustentabilidade em âmbito local, e disse que, a partir disso, mergulhou muito na história do Estado. Esse doutorado funcionou como uma forma de aproximá-la da realidade do Estado, desse seu novo lar?

Raquel – Demais! Demais! Tanto de conhecer na academia professores como a própria Alba Pinho, a Neyara Araújo, a Glória Diógenes (*todas professoras do departamento de Ciências Sociais da UFC*), o professor José Borzacchiello da Silva (*professor do departamento de Geografia da UFC*), que me



Durante a entrevista, Raquel cita várias vezes os irmãos. Em ordem, do mais velho ao mais novo, eles são: Gilberto (falecido), Rosa, Milton (falecido), Lúcia (falecida), Antônio e Marina.

orientou e foi uma pessoa muito querida, muito acolhedora, que me deu muito espaço para fazer a minha viagem no doutorado. Colegas de turma também muito interessantes. O próprio problema de estudo, né? Aproximou-me muito da questão da saúde do trabalhador aqui no Estado, das relações disso com o ambiente. Com movimentos sociais depois...

Teve um episódio... Logo que eu terminei o doutorado, eu participei de um evento em Brasília sobre a questão da carcinicultura. O Instituto Terramar nos convidou para discutir. Então, o Terramar estava trazendo das comunidades questões sobre saúde, porque eles usavam substâncias químicas no cultivo de camarão em cativeiro, os trabalhadores estavam relatando que dava dor de cabeça, irritava as vias aéreas superiores. E lá (*em Brasília*), eu conheci gente do Nordeste inteiro, dessas comunidades atingidas pela carcinicultura, e gente de muita luta, com muita informação, se posicionando com muita clareza, reivindicando coisas e uma pauta com o governo, sabe? E, na hora do almoço, eu me lembro de eu andando por um estacionamento, com a (*engenheira*) Soraya Tupinambá, e eu falei pra ela assim: "Soraya, a minha tese também estudou um problema tão grave que é o da industrialização. Por que ela não teve repercussão como tá tendo essa coisa da carcinicultura?" Fiz ingenuamente essa pergunta *pra* ela. Ela só me respondeu

assim: "Porque você não construiu o seu estudo com eles (os trabalhadores), Raquel." Cara, isso foi o melhor tapa que eu já levei na minha vida, sabe? Porque a generosidade dela de ser sincera comigo, de dizer numa frase, que me permitiu perceber toda a necessidade de eu retomar uma trajetória que eu tinha de realmente trabalhar com as comunidades. E, por essa coisa da via acadêmica, da metodologia científica, etc., eu tinha incluído na metodologia da minha tese a entrevista com os sindicatos, a entrevista com os trabalhadores – na casa deles, *pra* eles terem liberdade de falar e tudo. Mas realmente eu não costurei com movimentos sociais uma construção coletiva de conhecimento sobre esse problema da industrialização de forma que eles pudessem se apropriar disso e a partir disso desencadear processos de defesa de direitos e de lutas, né? E, em 2006, quando a gente começou a pesquisa em agrotóxicos, a gente já começou tendo isso como um ponto de partida mesmo, na metodologia e tal.

Tais – Raquel, a sua vida aqui no Ceará é marcada especialmente pela atuação como professora universitária. Você considera que se tornou professora, de fato, no momento certo?

João Gabriel – E eu ainda quero (*pontuar*), junto com essa questão... Porque, quando a gente perguntou sobre a sua profissão na pré-entrevista, (*que*) poderia ser médica

Raquel contou que teve uma formação muito forte na Igreja Católica e na juventude ela se aproximou da Teologia da Libertação. Mas também teve uma aproximação com o hinduísmo, o espiritismo e, mais recentemente, estudou muito sobre budismo.

A professora ainda afirmou que é instigada pelas cosmovisões religiosas de certos povos e tem uma relação com a natureza permeada pela mística. Ela não se identificaria com uma igreja ou crença, mas mistura um pouco de tudo isso e faz algo muito dela.

“Às vezes, eu chegava em casa tão indignada, tão indignada com aquelas histórias, de ver, de uma forma bem estrita, o capital adoecendo o corpo de uma pessoa.”

ou professora, você tendeu ao (*termo*) “professora”, porque disse que não se identifica muito com o termo médica.

Raquel – Pois é. É que médico no imaginário social é uma coisa muito restrita. É aquele que tem um consultório e trata de indivíduos, *né?* E a gente vem construindo outra forma de ser médico, no sentido de ser alguém que ajuda a cuidar da vida e da morte. E (*buscando*) fazer isso coletivamente, em processos sociais que determinam realmente a saúde das pessoas. E desde o concurso na UFMG, em 1988, eu já sentia essa possibilidade de fazer uma síntese daquela menina que lia Paulo Freire e queria ser professora, com a que (*se*) formou em medicina, mas era professora em uma faculdade de medicina. E eu fiz um mestrado em Educação, e também vim pra cá como professora. Eu sou completamente feliz de ser professora! Eu nasci pra isso.

A minha relação inclusive com... Eu não gosto da palavra alunos porque significa sem luz – e acho que ninguém é sem luz, todo mundo tem muita luz. Então, é uma relação com os estudantes com os quais eu convivo, especialmente no Tramas, é uma relação mais próxima. A gente quase que vai constituindo uma família, outra família. Isso também é um aprendizado que a vida me deu. A gente tem várias famílias. Tem a família que nasceu, tem a família que a gente constitui, tem a família que a gente constrói com a tribo com quem a gente vai se identificando e tal. É uma relação de professora, (*mas*) não assim: “Eu sou a professora e vocês são os estudantes.” Mas é uma relação de vida em conjunto, que inclusive vai além da dimensão do ensino-aprendizagem, ela (*essa relação*) vai e vem, eu aprendo muito com elas e eles também, inclui todas as dimensões da pessoa. É outra forma também de ser professora. Que fazia muito com o jeito de ser mãe, que também não é aquela mãe careta, mas um jeito de ser mãe. Até tem pessoas do grupo que no Dia das Mães me mandam bilhetezinho ou dão um presentinho. Então, é profunda essa troca que a gente vive.

Daniel – Raquel, sobre o trabalho no TRAMAS. Eu quero entender essa forma metodológica. Eu não sei nem se seria esse o termo, pesquisa-ação, talvez. Como é esse trabalho

de mostrar, de certa forma, uma parte invisível da sociedade e cutucar aquelas pessoas que ninguém jamais ousaria mexer? E em algum momento você já se sentiu ameaçada por causa disso?

Raquel – Excelente questão. A da ameaça eu vou deixar *pro* final, mas é porque eu acho que você tá tocando num ponto que é muito importante para nós. Nós estamos num esforço nesse momento de recuperar, sistematizar e teorizar tanto o suporte teórico como o metodológico do TRAMAS. Porque a gente sente que tá fazendo uma coisa que os outros grupos que nos olham consideram que é inovadora, mas ela tem muito de intuitiva também, tem muito de diálogo com a realidade concreta, com o que tá precisando ser feito, e ela é feita na hora. Não é um, vamos dizer, cardápio de técnicas que a gente aplica, sabe? Ela é *à la carte*. A gente constrói (*de acordo*) com o real que a gente tá vivendo. (*Então*) A gente tá entendendo assim: estamos numa universidade pública que tem um compromisso com o conhecimento como um bem comum da humanidade. Assim como a água é um bem comum, a biodiversidade é um bem comum, a cultura é um bem comum, o conhecimento é um bem comum. E a universidade por ser pública tem a função social e a obrigação ética de se colocar em relação com a sociedade, privilegiando os grupos sociais mais vulnerabilizados *pra* se colocar a serviço deles.

No TRAMAS, hoje, nós temos essa relação com dois territórios, construída a partir de demanda deles a nós. (*Os territórios*) Trouxeram lá no começo: “Olha, tem um monte de empresa do agronegócio aqui, eles estão usando muito veneno e nós achamos que isso tá fazendo mal *pra* nossa saúde. Venham estudar isso com a gente.” Isso no Baixo Jaguaribe (*a microrregião do Baixo Jaguaribe é uma das microrregiões do Ceará*). O outro território no Sertão Central (*região centro-sul do Ceará*), que traz uma demanda das comunidades, tipo: “Estão querendo botar uma mina de urânio aqui. O que isso significa *pra* nossa saúde?” Então, aquilo que a gente chama de extensão, no tripé universitário clássico (*ensino, pesquisa e extensão*), a gente tá ressignificando como inserção so-

Ao final da entrevista, já em um contexto de despedida, Raquel elogiou as perguntas feitas por Erick. Segundo a professora, as almas dela e de Erick “dialogaram”.

cial, ou talvez, co-la-bo-ra-ção, colaboração social. Em que a gente se soma com aquelas pessoas para identificar quais são as demandas de construção de conhecimento e (*vamos*) construir esse conhecimento juntos, de forma que isso possa retornar a eles (*os territórios*).

Então, na medida em que os graduandos, os pós-graduandos, se inserem conosco nesses territórios, eles estão vivendo o processo de formação e ao mesmo tempo estão construindo conhecimento, estão aprendendo a pesquisar numa outra perspectiva, que é dialógica, que reconhece o saber da comunidade, que não vai lá extrair (*ênfase*) coisas para publicar artigos e fazer sua tese, mas vai lá pra construir com e fazer essa troca de saberes, esse diálogo entre experiências, entre universos distintos. E é isso que ressignifica então para nós: a inserção social, a construção coletiva de conhecimentos e a formação. Eles acontecem de outra maneira. Tinha uma parte da pergunta que eu falei que...

Daniel – Era sobre cutucar aquelas (*pe-soas*) que estão por cima. A senhora já foi ameaçada por causa disso? Como é a relação com esses dois estratos? Agora é sobre o estrato de cima.

Raquel – Aqui, no Ceará, o episódio mais marcante nesse sentido foi em relação a uma empresa situada em Maracanaú (*na Região Metropolitana de Fortaleza*), que se chamava Agripec (*empresa produtora de produtos agrícolas*), e depois foi comprada pela Nufarm (*empresa australiana que comprou a Agripec no ano de 2007*), que é a oitava maior produtora de agrotóxicos no mundo. Em torno dessa empresa tem um conjunto habitacional, aliás, tem vários conjuntos habitacionais enormes, e especificamente a comunidade de Novo Maracanaú – pela direção dos ventos na posição dela em relação à empresa – começou a sentir odores muito desagradáveis e a relacionar esses odores com alterações de saúde. A comunidade fundou uma associação, conversou sobre isso, trocou experiência, um vizinho (*conversou*) com o outro, com outro que trabalhava dentro da empresa, associaram fatos, fizeram correlações...

Eu sei que eles conseguiram chegar ao Ministério Público em 2004, e, em 2006, o Minis-

tério Público chegou ao reitor da UFC, pedindo um estudo na região. O reitor, então – era Renê Barreira –, fez uma portaria nomeando a mim, ao professor Jeovah Meireles (*do departamento de Geografia da UFC*) e ao professor Auri Pinheiro (*do departamento de Química da UFC*) pra fazermos o estudo. E a gente fez. Chegamos a conclusões que, basicamente, confirmavam as denúncias que a população estava fazendo e iam um pouco além porque eles estavam percebendo os efeitos agudos. E tinham efeitos crônicos, cumulativos, que ainda vão aparecer. E apresentamos esse estudo numa aula no mestrado em Saúde Pública. Mas, como a gente tem o hábito de divulgar as aulas nas redes sociais, uma pessoa da empresa tomou conhecimento disso, mandou lá alguém, e esse alguém viu que a gente estava apresentando o estudo, e eu recebi uma notificação extrajudicial. Interpelação, eu acho que chama. Interpelando-me sobre se eu tinha direito de divulgar aquelas informações, se eu estava consciente de que aquilo prejudicava a imagem da empresa, uma série de perguntas assim. E veio a solidariedade imediata de advogados aqui que já estavam acostumados a apoiar, inclusive, o professor Jeovah, porque ele já teve esses problemas também com a Ypióca (*empresa de produção de aguardente de cana*), com uma empresa que queria construir lá na terra dos Tremembé (*grupo indígena do Ceará*). Então, foi a Rede de Advogados e Advogadas Populares (*Renap*), o (*atual vereador pelo Pso*) João Alfredo... Almoçamos juntos, decidimos uma conduta, que foi não responder à interpelação, e fazer uma nota comunicando isso à sociedade, uma nota pública. E assim foi feito, e foi muito interessante porque em menos de uma semana a gente tinha manifestos de grandes redes nacionais, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério Público do Trabalho, da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, do nosso sindicato aqui na Adufc (*Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Ceará*), e várias outras manifestações de apoio. E, então, a empresa desacelerou nesse processo porque começou a perceber que a imagem pública dela estava sendo mais danificada pela agressão que estava fazendo a mim do que pelo fato em si.

Houve isso, e também durante as pesqui-

Edgar, orientando da Raquel e moçambicano – como bem destacou a professora – chegou à casa de Raquel, já perto do fim da entrevista, para mostrar a ela a versão final da dissertação de mestrado.

“A gente vai aprendendo com a vida que ela também faz propostas para a gente. Ela também sinaliza coisas. A gente vai aprendendo a ler esses sinais.”

O Núcleo TRAMAS – Trabalho, Meio Ambiente e Saúde para a Sustentabilidade existe desde 1996, e nasceu a partir de um curso de especialização em saúde, trabalho e meio ambiente para o desenvolvimento sustentável, criado em 1996.

Quando o curso terminou, o corpo docente e discente que participou da experiência tinha um enorme desejo de prosseguir juntos discutindo as questões que foram abordadas no curso. Foi assim que nasceu o Tramas.

sas lá no Baixo Jaguaribe. É uma região de pistolagem, e a gente realmente está mexendo com interesses pesados, né? De empresas transnacionais, mas também empresários nacionais. A violência acontece lá e uma expressão muito clara dela é o assassinato do Zé Maria do Tomé (*líder comunitário e ambientalista, assassinado por denunciar as consequências da pulverização aérea de agrotóxicos na região do Baixo Jaguaribe*), vai fazer seis anos agora. Nesse contexto, várias vezes aconteceu comigo (*de*) estar em campo na cidade, no restaurante almoçando ou numa praça, e alguém chegar e me perguntar: "A senhora não tem medo de morrer, não? Toma cuidado com o que a senhora tá fazendo." Isso já me aconteceu. Mas a gente sempre optou por seguir firme e acreditar que a visibilidade pública é o que nos protege. Então, mais vale continuar com a boca no trombone, né? E qualquer coisa que venha a acontecer, valeu a pena e teve sentido. Tenho muito essa tranquilidade também de que... É isso.

João Gabriel – Repetindo aqui uma pergunta que você acabou de falar: a senhora não tem medo de morrer ou de sofrer uma retaliação mais grave?

Raquel – Olha, dizer que não tenho medo seria negar minha condição humana. Eu temo por mim, temo por meu filho, meu filho teme por mim. Cada vez que eu vou a campo ele fala: "Ê, mãe, não morre não, hein?" Mas, como postura diante da vida, em geral, tirando essa questão jurídica, eu tento tirar da minha cena o medo de morrer, sabe? Porque eu faço muitas leituras no campo do budismo, e há uma coisa muito simples que o budismo coloca, mas é muito difícil pra gente entender: "A única certeza que a gente tem quando nasce é que vai morrer um dia." E, no entanto, a gente passa toda a vida e organiza toda a existência como se isso nunca fosse acontecer, né? A morte sempre nos pega desprevenidos. E eu tive na minha família muitas oportunidades de conviver com a morte, exatamente por ser a caçula de uma família que vai envelhecendo. E isso nos permitiu, como família, refletir sobre isso, conversar sobre isso, sofrer, sentir, pensar. E eu hoje tenho uma dificuldade cada vez menor de pensar no fim desta minha passagem por aqui, sabe? Não é algo que me aterrorize, não.

Mylena – Raquel, como é desenvolver um trabalho como o TRAMAS dentro da universidade? Envolvendo vários estudantes, de vários cursos, (*de caráter*) interdepartamental?

Raquel – Olha, é uma grande (*ênfase*) delícia! O TRAMAS é um centro da minha vida. Porque a gente tem plena consciência

de que não é um grupo de pesquisa convencional. Nós sabemos disso e sabemos que estamos situados no que seria mais ou menos uma franja da universidade, entre aquilo que é o convencional e aquilo que está sendo demandado lá na sociedade. A gente fica o tempo todo tentando fazer esse trânsito e essa costura da universidade com a sociedade. E isso é curioso, tem chegado a nós muito mais o reconhecimento de fora, o reconhecimento dos pares acadêmicos, dos movimentos sociais, do que os embates. É claro que há embates e há sanções muito concretas. Por exemplo, eu não fui acolhida no programa de doutorado em saúde coletiva porque eu não tenho o número mínimo de pontos que o departamento e a Capes (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*) instituem como necessário para ser um professor, um pesquisador, de pós-graduação, de doutorado. Eu só participo do mestrado. Essa é uma coisa que eu fico muito triste de estar acontecendo, sabe? Porque esses pontos são avaliados basicamente em cima da publicação de artigos científicos em periódicos. As outras coisas que a gente (*TRAMAS*) faz são todas colocadas na sombra. Então, por exemplo, se a gente faz um dossiê sobre os agrotóxicos igual a esse que a gente fez no coletivo nacional da Abrasco (*Associação Brasileira de Saúde Coletiva*), que teve milhares de downloads, repercutiu na mídia do Brasil inteiro (*ênfase*), isso não significa nada para a Capes nem pros meus colegas, às vezes.

Eles olham pra mim e falam assim: "Você não tem produção." Isso dói, isso dói! Porque eu trabalho 90 horas por semana, inclusive porque o trabalho com as comunidades é muito final de semana. E tentar fazer um trabalho com uma metodologia participativa que demanda da gente estar em campo não só para pesquisar, mas também para estar numa audiência pública, *pra* conversar com o secretário municipal de saúde, para ir fazer uma fala no conselho municipal de saúde etc., é uma agenda que demanda muito e nem sempre nos deixa tempo para parar e escrever artigos científicos. Então, esse produtivismo acadêmico que está sendo imposto a nós, essa mentalidade de gerência privada – produtividade igual tem em empresa – eu acho isso muito doloroso. Mas, por outro lado, no cenário acadêmico, no campo dos conflitos ambientais, nacionalmente, através da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (*RBJA*), a gente dialoga com pesquisadores da área de Ciências Sociais, de Humanas, de Ciências da Terra, da Saúde também, e com esse foco nos conflitos ambientais. E o fato de a gente poder lançar luz sobre as rela-

O Tramas é vinculado ao Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) e trabalha em articulação com diversos outros departamentos acadêmicos da UFC e de outras universidades, além de diferentes instituições públicas, entidades e movimentos sociais.



O Núcleo Tramas é interdisciplinar e tem desenvolvido atividades de ensino, pesquisa e extensão ao longo dos quase 20 anos de existência. Raquel é uma das fundadoras do núcleo e membro até hoje.

ções saúde, trabalho e ambiente dentro dos conflitos ambientais tem sido algo muito importante para produzir capacidade argumentativa para os movimentos sociais.

João Gabriel – Eu quero puxar pra essa questão acadêmica. Na pré-entrevista você mencionou alguns termos que eu achei muito interessantes sobre como o TRAMAS trabalha, que seria uma ciência contra-hegemônica, com um caráter emancipatório, com uma *práxis* emancipatória. E você acabou de falar que, por exemplo, para a Capes, as coisas que vocês fazem, esse contato com essas realidades, acabam não valendo. E, também, trazendo um termo da pré-entrevista que eu achei muito bonito, que foi quando você falou que, às vezes, nessas pesquisas mais convencionais a complexidade do real escapa. Como é que essa proposta tão diferente, tão humanizada, consegue espaço dentro do curso de Medicina?

Raquel – O desafio é grande porque a gente tem partido de uma crítica à ciência moderna. O conhecimento científico nos conflitos ambientais entra como autoridade pública, então tem sempre um especialista que foi contratado pela empresa que vai dizer que aquilo ali é tranquilo, que sabendo usar não vai ter problema. A gente tem de vir com todo um discurso que aponta a ignorância científica, a incerteza científica, as áreas de desconhecimento que a gente tem. E mesmo áreas de conhecimento que eles estão ocultando na sua fala pública. Então, tem muito confronto, por exemplo, nas audiências públicas do licenciamento ambiental



“Foi muito determinante para mim a vinda para o Ceará, eu sou muito feliz aqui, encontrei um espaço de trabalho, pessoas que eu amo, que eu me identifico (...)”

Raquel começou a trabalhar na UFC por meio de transferência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pelo processo de acompanhamento de cônjuge. À época, o Departamento de Pessoal da UFMG perdera o processo e a transferência só foi possível porque o reitor decidiu liberar a vaga.

Após o fim da entrevista e das despedidas, todos pegaram o elevador e desceram. Já no hall do prédio, Taís olhou para Daniel e perguntou onde estavam as coisas dele. Ele havia esquecido a própria mochila e o guarda-chuva no apartamento de Raquel.

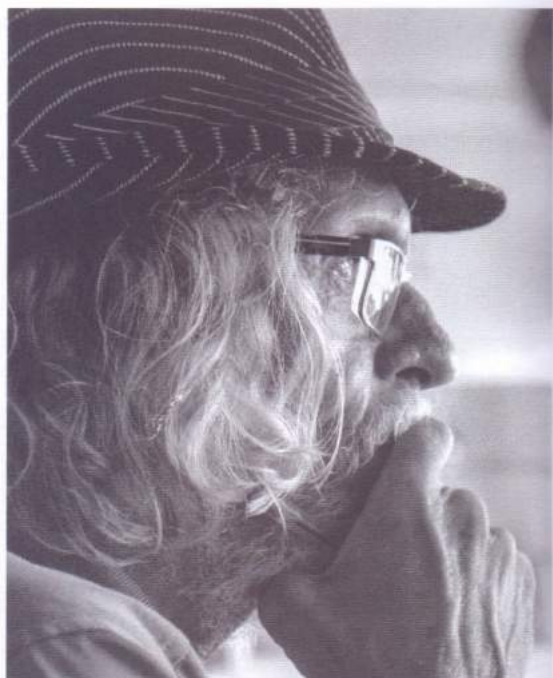
da mineração de urânio, foi um confronto o tempo inteiro entre os técnicos da empresa e os nossos grupos, não só o TRAMAS, mas a Articulação Antinuclear do Ceará, a CPT (*Comissão Pastoral da Terra*) e até parceiros da Noruega. Então, tem essa proposta de uma práxis acadêmica emancipatória que parte dessa crítica à ciência e parte também dessa visão da universidade como uma instituição social e pública, e modifica o processo de trabalho acadêmico.

Nosso processo de trabalho é distinto dos outros colegas. A gente tem sobrevivido na medicina, como você perguntou, a partir de tentar ter uma produção científica qualificada. A qualidade dos nossos estudos é difícil de ser questionada. A galera trabalha bem, estuda, escreve, pelega. A gente tem um mecanismo de orientação coletiva em que todo mundo contribui no trabalho de todo mundo, troca leituras, pega o texto e fala: "Esse parágrafo não tá claro." Faz parecer sobre os trabalhos uns dos outros. É uma construção de qualidade. E também (*tem*) o reconhecimento lá fora, o reconhecimento social. Eu sinto que a gente está muito assentado nele, sabe? Por mais que haja críticas, saber que a gente tem um espaço na Abrasco, na mídia nacional... A Rede Globo já fez três matérias lá na Chapada do Apodi trazendo os estudos que a gente fez. (*Saber*) Que o MST apoia o TRAMAS, participa do TRAMAS e coopera com o TRAMAS, assim como outros movimentos etc.... Então isso vai criando certo espaço. Mas essa sanção, por exemplo, de não participar do doutorado, está posta. Não tem os pontos, não participa e ponto final. É isso.

Erick – (*Há*) a questão do estereótipo social que se tem em torno da figura do médico, e, agora, estava sendo abordada essa questão do academicismo que, principalmente dentro da pós-graduação, ainda domina muito o ambiente universitário. Agora, a senhora falando da práxis, de como a coisa funciona, essa coisa humanizada do TRAMAS. Como a senhora enxerga essa conjuntura do estereótipo social do médico e dessa questão do academicismo? Como essa conjuntura impacta no jovem que hoje entra *pra* fazer medicina?

Raquel – Como eu tenho mais de 30 anos de trajetória que, se não é exatamente na universidade, é em interface com ela, porque desde 1981 que eu trabalho com a universidade, eu percebo uma mudança na sociedade e no perfil dos estudantes de medicina que me preocupa muito, sabe? Essa ideia do médico como aquele que ajuda os outros – que talvez seja uma ideia colocada como simplória – estava no imaginário coletivo da minha

Ainda no hall do prédio, todos que participaram da entrevista se despediram. Daniel, João Gabriel e Taís pediram um táxi, enquanto Filipe e Rosiane pegaram uma carona com o pai do Lauriberto. Átala, Erick e Mylena voltaram com o professor Ronaldo.



“Quando eu formei eu já estava com o segundo marido (...). Eles (*a família*) ficavam muito (*ênfase*) assustados com isso. ‘Você é a primeira da família que desquita’.”

geração. Eu sinto que hoje o trabalho médico, a profissão médica, e a própria forma de se conceber como profissional e de escolher essa profissão, vem sendo muito atravessada pelo interesse financeiro, pela possibilidade de ser bem sucedido financeiramente na profissão. É comum, por exemplo, que, durante as aulas da nossa disciplina, que é Saúde, Trabalho, Ambiente e Cultura na graduação médica, você tenha um bom número de estudantes com um calhamaço de um livro aberto estudando outra disciplina, ali. E eu tento muito fazer um diálogo com isso... Primeiro perguntar a mim em que medida o tema, (se) a metodologia não está adequada, em que eu posso estar aperfeiçoando isso. Mas também de me perguntar o que eles estão esperando. E, em diálogo com outros colegas professores e professoras, (é comum) eles dizerem, por exemplo, que o tempo de faculdade de Medicina é entendido pelos alunos como tempo pra se preparar para a residência médica, que vem depois, e realmente vai inseri-los numa especialidade onde eles têm condição de ter um ganho financeiro maior. Então, muitas vezes, esse calhamaço que eles estavam lendo na minha aula, é o calhamaço do Medcurso, que é o que prepara os médicos para as provas de residência médica. E eu tento dialogar também, dizer: "Olha, meu amigo, nos seus seis anos de faculdade, essa disciplina de 72 horas é a única que vai ter pra discutir essas relações. Você também vai ser um trabalhador, vai dar plantão, vai trabalhar de noite, vai se expor a substâncias químicas no seu trabalho, vai se expor a estresse no seu trabalho, vai atender a trabalhadores. E pra você acertar o diagnóstico, você precisa desse conhecimento que a gente tá disponibilizando aqui." Mas é claro que eu não posso generalizar isso. Nas turmas tem sempre pessoas que brilham os olhos e querem esse diálogo, e chegam juntos, se candidatam a uma monitoria, que pedem pra se aproximar do TRAMAS. E é para esses olhos que eu tento olhar durante o tempo das aulas.

Agora, as cotas melhoraram um pouco (a situação). Porque pelas próprias características do curso, do (tempo em que havia o) vestibular etc., você acaba tendo uma elite ali dentro. Pessoas que nunca andaram de ônibus, pessoas que o único trabalhador que conhecem é a empregada doméstica e o porteiro do prédio. Nunca entraram numa fábrica. Então, a gente tenta oportunizar para as pessoas adentrarem nesse universo, e viverem essas experiências, enxergar, escutar esse barulho, sentir esse cheiro. Mas não tem sido muito fácil, sabe? Não tem sido porque o universo médico vem sendo muito

atravessado por essa coisa do financeiro, da tecnologia. Aquela coisa do médico que pegava na gente, que escutava, que conhecia, que olhava o todo, aquilo vai sendo substituído por um ultrassom, uma ressonância, uma tomografia, uma dosagem. A indústria farmacêutica, também, produzindo um conhecimento médico, ou influenciando num conhecimento médico que medicaliza cada vez mais. Então, eu tenho muitas inquietações sobre o futuro do profissional médico, o que cabe à escola médica nesse contexto e para onde é que a gente tá caminhando nesse sentido.

Taís – Raquel, então, para terminar, a gente falou sobre toda a sua trajetória profissional e pessoal. Você passou por muitas lutas na vida. Como você falou na pré-entrevista, você sente uma liberdade enorme que foi construída em cima de todas essas lutas. Olhando para essa trajetória, você se sente realizada? O que é que você sente olhando pra todas as conquistas?

Raquel – Primeiro eu sinto que elas (as conquistas) são coletivas, não são minhas, são coisas que a gente construiu com outras pessoas, e exatamente por isso elas têm um valor muito maior. Para mim, o fato de ter participado da construção de outros seres, do despertar da consciência das pessoas, o fato de ter podido aprender com tantas pessoas com as quais eu convivo nessa trajetória... Mas é um sentimento muito bom, sabe? Se eu me perguntava sobre o sentido da vida lá aos 13 anos, hoje eu tenho muita clareza de que minha vida tem sido cheia de sentido. Que eu tento o tempo todo colocar todos os dons, ou as habilidades, as capacidades que eu recebi quando nasci e também (as) que eu pude conquistar ao longo da vida... Eu tento colocar a serviço desse sentido, dessa causa. E o que me torna feliz não é o resultado que isso tenha pra mim, não é o reconhecimento, não é algum nível de estabilidade, mas é exatamente sentir que eu pude me situar no meu planeta, no meu tempo, no meu país, no meio das pessoas onde eu estava vivendo, e participar ativamente da construção de sonhos, de ideais de emancipação, de libertação de justiça. Então, é isso que me faz muito feliz. (palmas) Até o fato docês terem me escolhido pra entrevistar também me faz muito feliz.

Na aula seguinte à entrevista, foi a vez dos entrevistadores avaliarem a conversa com Raquel. Taís, infelizmente, não pôde comparecer porque viajou à Nova Olinda. Mesmo assim, ela deixou seus apontamentos com João Gabriel.

Ainda na avaliação, os comentários dos entrevistadores foram positivos e o consenso foi de que a entrevista funcionou como uma "chave de ouro" para encerrar a disciplina.